



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



JEIME GONÇALVES VIANA

**AS VIAS DE ACESSO AO CONHECIMENTO METAFÍSICO EM
SCHOPENHAUER**

CANOAS, 2007

JEIME GONÇALVES VIANA

**AS VIAS DE ACESSO AO CONHECIMENTO METAFÍSICO EM
SCHOPENHAUER**

Trabalho de conclusão apresentado à banca examinadora do curso de Filosofia do UNILASALLE – Centro Universitário La Salle, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Roberto Lauxen.

CANOAS, 2007

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	04
2 OS LIMITES DO CONHECIMENTO SUBMETIDO AO PRINCÍPIO DE RAZÃO.....	08
2.1 A representação como conhecimento limitado.....	09
2.2 A superficialidade do conhecimento submetido ao princípio de razão.....	11
3 O MUNDO METAFÍSICO DA VONTADE COMO PRINCÍPIO OU COISA-EM-SI.....	13
3.1 Definição de vontade.....	13
3.2 Vontade e vida.....	18
3.3 Vontade e sofrimento.....	20
4 AS FORMAS DE ACESSO AO CONHECIMENTO METAFÍSICO PELO SENTIMENTO DA BELEZA, FORA DO PRINCÍPIO DE RAZÃO.....	22
4.1 A metafísica do belo.....	23
4.2 Estado estético e conhecimento.....	25
5 A FORMA PRIVILEGIADA DO CONHECIMENTO METAFÍSICO ATRAVÉS DA ESTÉTICA.....	30
5.1 O objeto da arte.....	30
5.2 O gênio ou artista e a genialidade schopenhaueriana.....	34
5.3 Os sentimentos do belo e do sublime como estado indispensável para o puro sujeito do conhecimento	39
5.4 A música como maior expressão da essência do mundo.....	41
6 CONCLUSÃO.....	44
7 REFERÊNCIAS.....	47

RESUMO

O propósito deste trabalho é refletir acerca das vias de acesso ao conhecimento metafísico de Schopenhauer de modo muito especial através da experiência estética, que é uma maneira de intuir as coisas exteriores por pura contemplação, independente do princípio de razão (tempo, espaço e causalidade), o qual nos permite conhecer apenas fenômeno. Portanto é um conhecimento destituído também de vontade a qual causa sofrimento e turva nosso conhecimento. Esta contemplação é feita de modo muito especial pelo artista que tem a genialidade, cuja faculdade de conhecimento nos permite acessar a essência íntima das coisas. Nesta perspectiva de conhecimento, há uma grande passagem do conhecimento pelo princípio de razão para um conhecimento em que as vias de acesso são: o corpo (objetivação da vontade) e os sentimentos do Belo, do Sublime e a fantasia. A obra de arte foi produzida pelo gênio que apreendeu as idéias na natureza através da intuição. Todo esse conhecimento é considerado privilegiado.

Palavras-chave: Representação. Vontade. Contemplação. Intuição. Estética. Belo. Sublime. Despojamento. Conhecimento.

RÉSUMÉ

L'intention de ce travail c'est de réfléchir au sujet des voies d'accès à la connaissance métaphysique de Schopenhauer, très spécialement à travers l'expérience esthétique, celle-ci est une façon de faire l'intuition des choses extérieures par une pure contemplation, indépendamment du principe de la raison, (temps, espace et causalité); cela nous permet de connaître seulement le phénomène. Il s'agit donc d'une connaissance destitué de l'intervention de la volonté, cela apporte de la souffrance à l'action volitive et une confusion à l'exercice de l'intelligence. Cette contemplation est spécialement faite par un artiste qui a du génie en lui donnant la faculté de l'accès à l'essence intime des choses. Dans cette perspective de connaissance, il se produit un grand changement, c'est-à-dire, le passage d'une connaissance, par le principe de la raison, à une connaissance dont les voies d'accès sont : le corps (objectivation de la volonté) et les sentiments du Beau, du Sublime e de la Fantaisie. L'oeuvre de l'art a été produite par le génie qui a appréhendé les idéis dans la nature moyennant l'intuition. Toute cette connaissance est considérée comme privilégiée.

Mots-clé: Représentation. Volonté. Contemplation. Intuition. Esthétique. Beau. Sublime. Dépouillement. Connaissance.

1 INTRODUÇÃO

Demonstrar o que é o mundo em sua essência: eis aí a pretensão de Artur Schopenhauer em sua obra, *O Mundo Como Vontade e Como Representação*.

Schopenhauer sofreu forte influência da filosofia de Kant, que afirmava que os mesmos objetos do mundo podiam ser considerados sob dois pontos de vista diferentes: de um lado como coisa-em-si, de outro como aparência ou fenômeno. Partindo desta perspectiva do pensamento de Kant, Schopenhauer diz que o mundo pode ser visto ora como Vontade (coisa-em-si) ora como representação (fenômeno). Segundo Schopenhauer, a Vontade ou coisa-em-si é essência cega e impetuosa que atravessa o núcleo da natureza, desde uma pedra, até alcançar no homem a sua autoconsciência, na qual ela se conhece como volição desenfreada, discordante de si mesma, insaciável, pois contra cada desejo satisfeito existem inúmeros outros que não são.

É dentro desta pretensão Schopenhaueriana de mostrar o mundo em sua essência que este trabalho monográfico traz como tema: *As Vias de Acesso ao Conhecimento Metafísico em Schopenhauer*, ou seja, a questão abordada neste trabalho é saber porque não acessamos a essência do mundo por meio das formas puras da consciência, isto é, tempo, espaço e causalidade. Outra questão desenvolvida é como se dá a passagem do conhecimento submetido ao princípio de razão para a outra via segundo a qual é possível, segundo Schopenhauer, acessar a coisa-em-si. Outra abordagem importante deste trabalho é saber se a arte ou a experiência estética é, de fato, uma forma mais objetiva de conhecimento, ou seja, nos faz apreender as idéias contidas em cada objeto ou uma obra produzida pelo artista.

É pretensão desta monografia refletir acerca dos limites do conhecimento pelo princípio de razão e demonstrar o possível conhecimento da Vontade pela experiência estética. Parece-me que Schopenhauer, dizendo não ser possível conhecer a Vontade pelas categorias de tempo e espaço, propõe uma forma privilegiada de conhecimento que, é segundo ele, destituído de tal princípio.

Na terceira parte do livro *O Mundo Como Vontade e Representação*, sua grande e principal obra, e na *Metafísica do Belo*, Schopenhauer aborda a Arte como uma comunicação do belo. O Belo é um estado em que ocorre o conhecimento que o Gênio capta da natureza e o comunica através de uma obra de arte. A questão mais instigadora desta questão é saber como se dá esse conhecimento da Idéia do mundo ou da Vontade que, segundo ele, é a essência das coisas exteriores, quais as condições para chegar a esse conhecimento? O conhecimento pelo viés da arte, é um conhecimento com o princípio de Razão ou é um conhecimento destituído do princípio de Razão? Considerando essa grande questão de um conhecimento sem o princípio de razão é importante indagar o que seria esse princípio e porque ele não dá conta do conhecimento da essência íntima do mundo, ou seja, da Vontade?

Outra questão interessante que será abordada é quem pode ter esse conhecimento e se na contemplação pura de uma obra de arte, o Gênio e outras Pessoas conseguem perceber os males que estão guiando suas vidas e a partir daí procurar um outro modo de viver.

Parece que a grande questão de Schopenhauer é o conhecimento da essência do mundo que, segundo ele, é a Vontade. Dentro desta perspectiva do conhecimento da Vontade, parece que Ele quer saber até que ponto podemos conhecer pelo princípio de razão ou sem o princípio de razão. Neste sentido a grande questão deste trabalho é abordar a via de acesso à coisa que está para além de minhas representações e principalmente a forma privilegiada deste conhecimento através da experiência estética.

No apêndice de sua principal obra, Schopenhauer faz várias vezes alusão a Kant ressaltando as condições de possibilidades de conhecimento. Ao fazer referência a sua teoria do conhecimento critica-o quanto à posição da impossibilidade de conhecimento da coisa-em-si. Ele parece concordar com Kant que o sujeito tem na consciência as formas puras de conhecimento as quais ele chama espaço e tempo. Essas formas nos permitem ter uma representação dos objetos os quais são intuídos, isto é, temos uma espécie de conhecimento a priori das coisas. No entanto, essas formas nos permitem conhecer as coisas superficialmente. O sujeito ao se deparar com um objeto ele cria uma imagem daquele objeto o qual ele intuiu e teve uma representação. Isso mostra que somos afetados por objetos não na sua essência, mas de forma superficial.

Segundo Schopenhauer é necessário partir para um outro viés que nos permita olhar o objeto na sua essência. Ele acredita ser possível conhecer aquilo que está para além de nossas representações. Resta-nos saber qual caminho traçar, ou seja, quais são as condições para que o sujeito possa acessar o conhecimento da essência do mundo. Se pelo princípio de razão não podemos conhecer as coisas mesmas a não ser fenômenos, qual a outra via de acesso pela qual

podemos começar? Perceberemos que a via de acesso ao conhecimento da Vontade se dá pelo corpo e pelo sentimento.

Neste sentido, além desta introdução e da conclusão, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado Os limites do conhecimento submetido ao princípio de razão, pretendo refletir acerca das limitações do conhecimento numa relação sujeito e objeto em que a representação que possuímos de tal objeto é uma representação falsa e que não diz o que as coisas são na sua essência.

Schopenhauer divide sua obra em quatro livros: dois elegem o tema da Representação e dois elegem o tema da Vontade. O primeiro livro trata da representação onde Schopenhauer considera o mundo em sua aparência como representação submetida ao princípio de razão, isto é, aborda os fenômenos da realidade dadas no espaço, no tempo e na causalidade.

Dentro desse contexto, ele começa o processo de conhecimento tratando da relação sujeito e objeto, ou seja, é um conhecimento imediato, é um conhecimento apenas do fenômeno do objeto. O primeiro livro atém-se àquilo que Kant denominará fenômeno, em oposição à coisa-em-si mesma, a qual permanece para ele um x desconhecido. Respeita-se desse modo os limites, as condições de possibilidade de conhecimento da essência do mundo.

O segundo capítulo tratará do mundo metafísico da Vontade como princípio ou coisa-em-si, pois para Schopenhauer, o que move a investigação é uma necessidade metafísica, própria da humanidade mesma, que o deixa insatisfeito com o mero fenômeno. Para Schopenhauer não é suficiente saber que possuímos representação é necessário procurar o núcleo dessas representações. Neste sentido, as ciências, por exemplo, não cruzam a fronteira da representação submetida ao princípio de razão, ou seja, o íntimo do mundo é inalcançável por conceitos, por relações. Portanto, é oportuno que o físico ceda lugar ao metafísico e é nesse contexto que Schopenhauer parte para o segundo livro onde ele trata da metafísica da natureza, isto é da Vontade a qual se objetiva.

O terceiro capítulo trará uma reflexão acerca das formas de acesso ao conhecimento metafísico pelos sentimentos da beleza. Tais caminhos são considerados por Schopenhauer, como forma privilegiada de conhecimento. É uma segunda consideração a respeito do mundo como representação, porém agora independente do princípio de razão. Além disso, veremos que as Idéias podem ser intuídas de forma privilegiada.

O terceiro capítulo trata, portanto, do estado estético de contemplação, ou seja, o abandono do sujeito ao objeto intuído. É importante ressaltar que os sentimentos abordados neste modo de conhecimento são os sentimentos do belo, do sublime e da fantasia. Schopenhauer, no terceiro livro de sua obra acerca do conhecimento pelos sentimentos da

beleza, aborda também a questão da graça e do caráter. Porém, neste trabalho monográfico, não será feita alusão a estes dois sentimentos por se referirem mais à ética, pois o escopo desta monografia é como se dá o conhecimento da essência do mundo pela estética e, não envolve, portanto, questões éticas.

No quarto capítulo, será abordada a forma privilegiada de conhecimento através da estética. Esta forma de conhecimento é especial, pois se dá não só pela contemplação da efetividade, mas pela contemplação da obra de arte feita pelo gênio que apreendeu as idéias da Vontade e procura comunicar através de sua obra. Em cada obra de arte se intui as idéias eternas em diversos graus. Teremos uma abordagem muito especial sobre a música a qual nunca expressa o fenômeno, mas unicamente a essência íntima, o em-si de todos eles, portanto, a Vontade mesma.

2 OS LIMITES DO CONHECIMENTO SUBMETIDO AO PRINCÍPIO DE RAZÃO

O ponto de partida da teoria do conhecimento de Schopenhauer é a representação como fato da consciência. Essa representação se dá numa relação sujeito e objeto em que um não pode ser pensado sem o outro. Toda essa abordagem é importante para compreendermos os limites do conhecimento da representação. A representação está submetida ao princípio de razão, pois tal representação se refere aos fenômenos dados no espaço, no tempo e na causalidade.

Dentro desta perspectiva do conhecimento representativo, é importante introdutoriamente, entendermos que Schopenhauer aborda a questão do corpo como unidade orgânica, isto é, corpo e intelecto. O corpo é objeto imediato, ou seja, é um mero conjunto de sensações dos sentidos superiores (visão, audição e tato), advindas da ação dos outros corpos sobre si. Os olhos quando vêem são objetos imediatos, tocados são mediatos. Nessa relação há um intermediário que é a intuição a priori (tempo e espaço), pois sem ela a sensação é nua e crua e não é representação intuitiva. O espaço posiciona o objeto e o tempo permite a alteração dos seus estados. Se o espaço fosse a única forma de representação, não se daria nenhuma mudança, pois a mudança, ou alteração, é sucessão de estados, e a sucessão só é possível no tempo, do contrário, tudo seria imóvel. Se, por outro lado, o tempo fosse a única forma das representações, não haveria duração, portanto nada de matéria. É o espaço e o tempo que possibilitam o permanente, o simultâneo e mesmo o mutável. Portanto, a união dessas duas formas puras da consciência é a causalidade. A partir dessa análise da relação sujeito–objeto, em que o sujeito tem uma representação pela intuição do tempo e do espaço, resultando numa causalidade, é que podemos entender que, de fato, com tais categorias só acessamos fenômenos.

2.2 A representação como conhecimento limitado

Dentro do estudo da representação, Schopenhauer ressalta muitas vezes a superficialidade da representação e nos faz perceber a necessidade de irmos além das representações, isto é, dos fenômenos. A representação aparece mediante a relação sujeito e objeto, isso implica o objeto colocado na frente do sujeito. Sujeito e objeto são distintos, porém inseparáveis. Essa relação sujeito e objeto são segundo Pernin (1995, p. 37), a primeira verdade filosófica a qual introduz o livro do mundo. E nos propõe de forma muito inteligente a idéia de que “O mundo é minha representação”. Neste sentido podemos pensar numa relação superficial em que somos atingidos por diversos objetos e que intuímos ou compreendemos tais objetos segundo interesses, ou seja, segundo o querer se materializar da Vontade que turva nosso conhecimento das coisas que vemos. Quando Schopenhauer fala que não conhecemos sol algum ou terra alguma, mas é apenas um olho que vê, ele está dizendo que tudo o que vemos é pura criação de nossa mente, ou seja, conhecemos apenas fenômenos, mas não a coisa na sua essência. A representação significa, portanto, o objeto condicionado pelo sujeito. A representação do mundo material, exterior, é tudo aquilo que aparece como figura para o nosso entendimento, ou seja, algo colocado diante de nós.

Em Kant, sensibilidade e entendimento estão separados, ou seja, a sensibilidade significa as intuições internas do sujeito tempo e espaço, já o entendimento é a faculdade de julgar. Na teoria do conhecimento de Schopenhauer, entendimento e sensibilidade são a mesma coisa, isto é, nele está contido as formas puras, denominação comum do princípio de razão do devir, a procurar para tudo um fundamento: nada é, sem uma razão pela qual é. Este é correlato do entendimento, ou cérebro, que, a partir de dados fornecidos do exterior, intui os objetos, como que os fabrica em sua função de artesão do mundo externo, ao considerar os dados sensórios como um efeito, para daí localizar sua causa e situa-la no espaço como uma figura, um objeto empírico. Neste sentido a realidade efetiva é, pois, intelectual. Ela é um fazer efeito, do sujeito que conhece. O entendimento envolve tempo, espaço e causalidade. Portanto, é o aspecto crítico-idealista da filosofia de Schopenhauer, que considera o mundo em sua aparência como representação submetida ao princípio de razão.

O mundo é minha representação. Esta é uma verdade que em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica. Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. Que o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão-somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

Há uma relação sujeito e objeto para a formação da representação, relação essa em que o sujeito tem uma receptividade do objeto intuído, pois, o sujeito é aquilo que conhece sem ser conhecido, e nós o encontramos em nós mesmos, no momento que conhecemos. Já o objeto é aquilo que é conhecido e que não pode conhecer enquanto tal. As condições de conhecimento são do sujeito e não do objeto como em Kant. Todos os objetos são, nossas representações.

As representações aparecem a nós segundo o princípio de razão suficiente. Esse princípio Schopenhauer retoma de Leibniz. Princípio de razão significa dizer que nada é sem uma razão pela qual é, e isso se aplica à totalidade dos fenômenos e possuem, segundo Schopenhauer (1995. p. 4), quatro raízes. Essas raízes são temas de seu doutorado. As raízes são: 1) “princípio de razão do devir”: a ele estão submetidas às representações da realidade, isto é, da experiência possível; 2) “princípio de razão de conhecer”: a ele estão submetidas às representações de representações, isto é, de conceitos; 3) “princípio de razão do ser”: a ele estão submetidas a parte formal das representações, isto é, as intuições das formas do sentido externo e interno dadas a priori, o espaço e o tempo; 4) “princípio de razão do agir”: a ele está submetido o sujeito do querer, isto é, o seu agir conforme a lei de motivação.

Neste tema, sobre a representação, Schopenhauer utiliza o princípio de razão do ser, ou seja, como vimos, é a parte formal das representações, isto é, as intuições das formas do sentido externo e interno a priori, o espaço e o tempo. Aqui Schopenhauer deseja ser fiel a Kant dizendo que espaço e tempo são intuições puras, isto é, não empíricas. Segundo Pernin (1995, p. 42), para Schopenhauer tempo é uma forma de apreensão do sujeito, mas essa idealidade condiciona a apreensão objetiva do mundo. O tempo permite a medida dos movimentos. Segundo ela, graças ao tempo, conseguimos perceber as coisas como um conhecimento fragmentário, pois as mudanças das coisas nos permitem reconhecer tais fragmentos. O espaço, ao contrário, exprime as relações de situação entre os corpos. A originalidade dessas relações de situação é a sua perfeita reciprocidade.

É importante deixar claro que a idealidade do espaço e do tempo torna essas formas inaptas do conhecimento das coisas-em-si, ou seja, por essas formas, que são da consciência, conhecemos apenas fenômenos. Tempo e espaço são condições do fenômeno e não da coisa-em-si, por isso é que com essas categorias não podemos conhecer as coisas como elas de fato são. De acordo com Pernin (1995, p. 43-44), Schopenhauer considera que as duas primeiras antinomias da dialética transcendental kantiana, que se referem ao espaço e ao tempo, são artificiais. Ela argumenta que as antíteses dizem que o mundo não tem começo nem fim no tempo, nem limite no espaço; outra que os compostos do mundo não podem ser resolvidos em partes simples indivisíveis. Portanto, como espaço e o tempo são modos do conhecimento

fenomenal, pode-se admitir que a multiplicidade inerente à sua forma não atinge a coisa-em-si. Na interpretação de Pernim, Schopenhauer considera espaço e o tempo como princípios de individuação. Portanto, para Schopenhauer, pelo princípio de razão espaço e tempo não são possíveis conhecer o íntimo do mundo, pelo princípio de razão conhecemos apenas fenômenos que, por sua vez, são criação do sujeito.

2.1 A superficialidade do conhecimento submetido ao princípio de razão

O princípio de razão tem por tarefa, colocar os objetos numa relação com o corpo, ou seja, com a Vontade que se objetiva. Neste sentido, para Schopenhauer o conhecimento que serve a Vontade está exclusivamente empenhado em conhecer as relações dos objetos postos por este princípio, seguindo suas situações no espaço, no tempo e na causalidade. Este princípio, por estar relacionado com a vontade, possibilita um conhecimento apenas das relações. Isto é, conhece-se apenas aquilo que existe no tempo e no espaço sob determinadas circunstâncias e, portanto, com coisas particulares. As relações se referem a tudo aquilo que utilizamos como meio racional para se chegar ao conhecimento da essência das coisas. Porém, para Schopenhauer todas essas relações são rotulações do sujeito ao objeto.

Baseado em Platão, Schopenhauer diz que tudo que está no tempo e no espaço vem a ser e não são, além disso, tudo que está no tempo e no espaço perece e morre e neste sentido toda relação tem uma existência relativa, superficial e perecível. De acordo com Schopenhauer (2005, p. 244), todo ser no tempo é também um não ser, ou seja, o tempo é simplesmente aquilo mediante o que podem caber as mesmas determinações contrárias.

Os conhecimentos dos objetos, no caso, o conhecimento pelo princípio de razão, que está a serviço da vontade, conhece, propriamente, apenas suas relações, como coisa isolada. Caso se suprimissem todas essas relações, os objetos desapareceriam para o conhecimento porque nada mais se conheceria neles. Portanto, segundo Schopenhauer, para conceber a essência íntima de alguma coisa, a Idéia que nela se expressa, não podemos ter interesse subjetivo, ou seja, esta coisa não pode ter relação alguma com o nosso querer, portanto, com a Vontade que se expressa também no ser humano. Não é possível conceber a coisa-em-si no tempo e no espaço, pois o conhecimento da essência íntima do objeto só é possível por um estado de contemplação estética, ou seja, das coisas exteriores, bem como de uma contemplação de uma obra de arte.

O princípio de razão está a serviço da Vontade e por isso, não podemos acessá-la. Neste sentido é necessário fazer um distanciamento desse querer que nos impede de acessar o em si

do mundo. O sujeito do conhecer tem que estar puro, isto é, destituído do princípio de razão e, portanto da Vontade.

Percebe-se nessa abordagem sobre o conhecimento submetido ao princípio de razão, que há uma forte negação da Vontade. Aqui, Schopenhauer, assume definitivamente a posição de que o conhecimento só é possível mediante a negação da Vontade. O princípio de razão está totalmente ligado a Vontade principalmente na sua objetivação. Ela ao querer se objetivar no sujeito do conhecimento turva seu entendimento.

Um exemplo que poderia ilustrar os limites do conhecimento submetido ao princípio de razão é a oposição entre arte e ciência. O que há em comum entre ambos é o conhecimento do mundo tal como ele se apresenta diante de nós, porém a diferença está na maneira como a arte ou ciência considera o mundo.

Tal oposição pode ser indicada com uma palavra: a ciência considera os fenômenos do mundo seguindo o fio condutor do princípio de razão, ao passo que a arte coloca totalmente de lado o princípio de razão, independente dele, para que, assim, a Idéia entre em cena (SCHOPENHAUER 2003, p. 57).

Tudo o que está no tempo e no espaço vem a ser e não é. O objeto da arte é a Idéia que está para além do fenômeno. A ciência se baseia em fatos isto é, em meros fenômenos. As ciências concebem tudo enquanto consequência de um fundamento. Tentam fornecer para tudo um porquê, porém seu tema continua sendo o fenômeno. A arte, ao contrário, repete em suas obras as Idéias apreendidas por pura contemplação, ou seja, capta o essencial de todos os fenômenos do mundo. De acordo com Schopenhauer (2003, p. 58), a única origem da arte é o conhecimento da Idéia; seu único fim, a comunicação desse conhecimento. A ciência por seguir uma torrente infinda e incessante das diversas formas de consequências e fundamentos, a cada fim alcançado, é obrigada a atirar-se mais adiante, nunca conseguindo encontrar um objetivo final. O conhecimento artístico, ao contrário, encontra em toda parte o seu fim, isto é, a essência de cada objeto contemplado.

3 O MUNDO METAFÍSICO DA VONTADE COMO PRINCÍPIO OU COISA-EM-SI

Saber o que está para além das coisas aparentes, eis a pretensão deste capítulo ao tratar do mundo metafísico da Vontade como princípio ou coisa-em-si. Neste sentido, já que pelo princípio de razão não é possível o conhecimento da essência das coisas, é necessário tentar um novo caminho, que, na verdade, possa evoluir esse processo do conhecimento do que está para além do mundo fenomênico. Schopenhauer introduz, portanto, em seu pensamento a noção de objetividade da Vontade, a qual pode ser compreendida da seguinte forma: o corpo é concreção do querer, ambos são unos, ou seja, além de ser representação, o corpo é também Vontade. Observamos aí que aquilo que está para além do corpo ele chama de Vontade a qual ele acredita ser possível conhecer.

3.1 Definição de vontade

Como foi visto na introdução deste capítulo, Schopenhauer quer saber o que está por trás do mundo fenomênico. Ele está consciente, assim como Kant, que somos afetados por objetos e conhecemos apenas fenômenos, isto é, os objetos na sua essência não são conhecidos.

De acordo com Jair Barbosa (2001, p. 31), a outra via que Schopenhauer quer abrir é a partir de dentro do sujeito, ou seja, ele quer abrir uma nova perspectiva para o corpo. Aquilo que está para além dos fenômenos e que Schopenhauer quer conhecer ele chama de Vontade. Ele diz que essa Vontade tem que ser conhecida, por isso ele quer encontrar um mediador de transição para o Em-si do mundo.

Essa mediação que Schopenhauer encontra para começar o processo de conhecimento da Vontade é a objetivação da Vontade. Ele faz uma grande abordagem acerca da objetivação da Vontade a fim de dizer que é possível conhecê-la. Esta objetividade da Vontade significa o sujeito empírico que se enraíza no mundo, isto é, o indivíduo não simplesmente puro que

conhece destituído de corpo, mas dotado de um corpo cujo núcleo é sentido na exteriorização das suas ações. É uma Vontade como uma força atuante, que, num primeiro momento, permanece incompreensível tanto quanto o íntimo dos outros corpos. Mas num segundo momento, o indivíduo a reconhece como um fato da consciência e tem possibilidade de traduzir na seguinte palavra: Vontade. Schopenhauer diz no segundo livro que é importante investigar com mais persistência a Vontade no intuito de saber o que é de fato essa vontade e saber distinguir o que é da vontade e o que é do fenômeno. Fazer essa distinção é importante para não cair no erro de achar que vontade e corpo são a mesma coisa.

Entretanto, temos de primeiro conhecer mais de perto a essência da vontade, a fim de sabermos distinguir aquilo que não pertence a ela mesma, mas já ao seu fenômeno diversificado em vários graus. É o caso, por exemplo, da circunstância de ser – acompanhada de conhecimento e da condicionada determinação por motivos daí resultante. Semelhante característica, como veremos a seguir, não pertence à sua essência, mas apenas aos seus fenômenos mais nítidos: animal e homem. (SCHOPENHAUER 2005, p. 163).

Tendo Schopenhauer manifestado a importância do conhecimento da Vontade a fim de saber distingui-lo do mundo fenomênico, começa, a partir de agora, a atribuir algumas características de suma importância nesse itinerário de conhecimento da Vontade. De acordo com Schopenhauer (2005, p. 157-164), a Vontade é o conhecimento a priori do corpo, e o corpo é o conhecimento a posteriori da Vontade. Isso significa que são duas realidades distintas embora caminhem juntas. Percebemos aí a Vontade como aquela que se manifesta através do corpo. Segundo Schopenhauer ela dá sinal de si nos movimentos voluntários do corpo como sendo a essência em si deles, porém, não se manifesta totalmente.

Observa-se aí nessa questão que Vontade e corpo estão intimamente ligados. O ato da vontade e a ação corporal não são dois estados desiguais relacionados mediante causa e efeito, mas são um. Neste sentido, toda ação sobre o corpo afeta a vontade. De acordo com Schopenhauer:

[...] Logo, todo o corpo não tem de ser outra coisa senão minha vontade que se torna visível, tem de ser a minha vontade mesma na medida em que esta é objeto intuível, representação da primeira classe. Em confirmação de tudo isso, recorde-se que toda ação sobre o corpo afeta simultânea e imediatamente a vontade e, nesse sentido, chama-se dor ou prazer, ou, em graus menores, sensação agradável; inversamente, todo movimento veemente da vontade, portanto todo afeto e paixão, abala o corpo e perturba o curso de suas funções. (SCHOPENHAUER 2005, p. 165).

Após toda essa relação da Vontade com o corpo Schopenhauer instiga-nos a cada vez mais mergulhar no conhecimento da Vontade. Ele a denomina como a coisa-em-si. Ela é o mais íntimo, o núcleo de cada particular. Percebe-se aí que ele conserva a expressão kantiana como fórmula definitiva.

A vontade, segundo Schopenhauer, deve desvelar-nos a essência mais íntima de cada coisa na natureza e num primeiro momento ele fala da vontade como força. Ele intenta pensar cada força na natureza como Vontade. Isso por que o conceito de Vontade não tem sua origem no fenômeno, ou seja, na mera representação intuitiva, mas segundo ele vem da interioridade de cada indivíduo. Maia (1991, p. 56), a respeito da vontade enquanto essência nos diz: “Neste sentido, a matéria é pura visibilidade, [...] Por conseguinte, a cada objeto, enquanto coisa-em-si, é vontade e enquanto aparência, matéria”.

Segundo Maia, Schopenhauer em seu pensamento sobre a Vontade, chega à conclusão de que se pudéssemos despir a matéria de todas as formas de nossa intuição e apreensão, não teríamos mais nenhuma matéria diante de nós, senão Vontade. Existe um princípio o qual está para além das coisas sensíveis. Esse princípio ele chama de vontade que no momento em que somos afetados pelos objetos não conseguimos percebê-lo, percebemos apenas seus fenômenos.

A vontade é, segundo Schopenhauer, Una e imutável e está livre de toda pluralidade, apenas seu fenômeno no tempo e no espaço são inumeráveis. É importante entender que ela é una não no sentido de que um objeto é uno em que há algo oposto que seja plural e possível, também não é una como um conceito, em que a unidade nasce apenas pela abstração da pluralidade. Ao contrário, de tudo isso, a Vontade é una como aquilo que se encontra fora do tempo e do espaço. Neste sentido, ela é como coisa-em-si, encontra-se fora do domínio do princípio de razão e de todas as suas figuras, apenas seus fenômenos estão submetidos ao princípio de razão. Schopenhauer concorda com Kant que tempo, espaço e causalidade não cabem à coisa-em-si e, são apenas meras formas do conhecimento.

Para ficar mais claro essa reflexão acerca da Vontade e sua manifestação, é válido dizer que o ser humano é, segundo Schopenhauer, fenômeno da vontade e, em seu agir, como qualquer outro fenômeno, está submetido ao princípio de razão. De acordo com Schopenhauer (2005, p. 172), o ser humano em suas atividades, tem de estar submetido a tal princípio por estar ligado à Vontade. No quarto livro, onde Schopenhauer trata da Vontade como aquela que alcançou seu conhecimento, ele retoma a idéia do homem como fenômeno da vontade, aliás, o ser humano é o fenômeno mais perfeito da vontade pela sua capacidade de conhecer. De acordo com Schopenhauer:

“Todavia, o homem é fenômeno mais perfeito da vontade, como mostrado no livro segundo e, em vista da própria conservação, tem de ser iluminado por um tão elevado grau de conhecimento que, neste, é até mesmo possível, como mostrado no livro terceiro, uma perfeição adequada e perfeita da essência do mundo sob a forma da representação, ou seja, é possível a apreensão das idéias, o límpido espelho do mundo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 373).

Schopenhauer deixa claro que no homem, a vontade pode alcançar a plena consciência de si, o conhecimento distinto e integral da própria essência, tal qual esta se espelha em todo o mundo. Veremos no terceiro capítulo que esse grau de conhecimento que para ele é possível ser alcançado, origina-se exatamente da arte. Fica claro então que, a essência inteira do homem é a Vontade, e ele mesmo é apenas fenômeno dessa Vontade; fenômeno que, por seu turno, tem por forma necessária o princípio de razão, cognoscível já a partir do sujeito.

Outra característica da Vontade, é que ela é ativa e se manifesta nos animais e em nós seres humanos de forma cega. Ela atua cegamente e de diversas maneiras. Por exemplo, em nós atua em todas as funções do nosso corpo e de diversas formas. Ela atua segundo causas, as quais Schopenhauer chama de excitações. Schopenhauer (2005, p. 174) denomina causa, no sentido estrito do termo que é, segundo ele, o estado da matéria que, ao produzir outro com necessidade, sofre ele mesmo mudança igual à que provoca, o que se expressa na lei: ação e reação iguais. Tais causas em sentido estrito do termo fazem efeito em todos os fenômenos mecânicos, químicos, ou seja, em todas as mudanças dos corpos orgânicos.

No entanto, ele denomina excitação àquela causa que não sofre reação alguma proporcional ao seu efeito. Neste sentido, não pode ser medido de acordo com aquela. Por exemplo, um pequeno aumento de excitação pode ocasionar um grande aumento no efeito ou ao contrário suprimir o efeito já produzido. Tudo isso para ele dizer que esses são os efeitos sobre os corpos orgânicos. Essa análise faz ele concluir que todas as mudanças orgânicas e vegetais no corpo animal ocorrem por excitação, não por simples causas. Assim, por exemplo, o aumento da seiva nas plantas se dá por excitação e não é explanável a partir de meras causas segundo leis da hidráulica.

Para concluir esta primeira parte do segundo capítulo, cuja abordagem, foi a definição de Vontade, considero importante retomar algumas idéias que melhor expressam essa definição.

Vimos que para Schopenhauer a vontade é Una e indivisa e que apenas seu fenômeno é plural e está submetido ao princípio de razão. A vontade é definitivamente nomeada como coisa-em-si. Pois, Schopenhauer quer saber o que está para além das representações. Schopenhauer (2005, p. 180) faz os seguintes questionamentos: “neste horizonte, é permitido perguntar: aquelas representações, aqueles objetos, são outra coisa além de representações, objetos do sujeito? E nesse sentido o que seriam? Que é aquele seu outro *lado toto genere* diferente da representação? Que é a coisa em si?”

São grandes questões que mostram que Schopenhauer desenvolve sua teoria do conhecimento, mostrando que conhecemos apenas fenômeno, mas que existe algo para além

desses fenômenos que, segundo ele, é a Vontade. Segundo ele, a coisa-em-si é aquilo que essencialmente não é representação, não é objeto do conhecimento e só se torna cognoscível quando entra naquela forma e não é qualquer forma.

Percebemos que nesse árduo processo de conhecimento da vontade, Schopenhauer dá um forte relevo à idéia de unidade da vontade.

No entanto, para mim, ao considerar a vastidão do mundo, a mais importante coisa a salientar é que a essência em si – não importa o que ela seja -, cujo fenômeno é o mundo, não pode ter o seu em si – mesmo repartido e espalhado, nesses moldes, pelo espaço ilimitado, mas essa extensão infinita pertence exclusivamente ao seu fenômeno. A essência em si, em verdade, está presente no todo e indivisa em cada coisa da natureza, em cada ser vivo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 190).

O mais importante para Schopenhauer é saber que essa essência que está para além das representações, existe, é una e que não pode ser conhecida pelo princípio de razão, ou seja, com as formas puras de nossa consciência, espaço e tempo, não podemos perceber os objetos na sua essência.

Há, portanto uma força atuante para além dos fenômenos que aparece e se objetiva. Essa Vontade não é a vontade do ser humano, mas é a Vontade do mundo. É importante ressaltar que existe a vontade geral que é a coisa-em-si, ou seja, a essência una de todas as coisas e existe a vontade individual que é fenômeno da geral. De acordo com Jair Barbosa:

A vontade individual, doravante, é vista como fenômeno da geral, embora o mais perfeito deles, posto que apenas o tempo se atrele a ela. Ela vontade individual é o “ponto” mais próximo possível do núcleo do cosmo, por ela se sente, via Gefiébl, a “transição imediata para o fenômeno da coisa-em-si”. Mas não fica aí Schopenhauer. Unidade estabelecida vai ao encontro da experiência, afinal está fazendo metafísica imanente, e ela vontade, ímpeto cego a objetivar-se na natureza, querendo a vida em toda parte, em todos os reinos, é por ele detectada na força que faz crescer e vegetar as plantas, que cristaliza os minerais direciona a agulha imantada para o pólo norte, a qual se encontra nas afinidades eletivas dos corpos, na gravidade, no amor e no ódio, na queda d’água de uma cachoeira, no vagar das ondas, nos movimentos do sol e da lua (BARBOSA, 2001, p. 43).

Nessa primeira parte em que se tratou da objetivação da vontade, cujas características que as definem pela unidade e imutabilidade, são embasadas na teoria de Platão. Schopenhauer deixa claro que ele se baseou na teoria de Platão acerca das formas eternas das coisas que não aparecem no tempo e no espaço apenas no indivíduo. Pois quando nascem sempre vêm a ser e nunca são. De acordo com Schopenhauer (2005, p. 191), os graus de objetivação da vontade são nada mais nada menos que as idéias de Platão. Neste sentido, conluo que assim como para Platão o ser é a Razão por ser eterna e imutável, o ser para Schopenhauer é a Vontade, pois para ele, ela é eterna e imutável. Toda essa objetivação da vontade estudada até então é num grau baixo.

3.2 Vontade e vida

Schopenhauer, no processo de caracterização da vontade a qual ele acredita haver possibilidade de ser conhecida, remonta várias vezes a Kant fazendo alusão a sua teoria do conhecimento, no tocante as formas puras da consciência espaço e tempo. Ele faz referência a Kant para dizer que não é possível conhecer a essência íntima do mundo pelo princípio de razão. Segundo Schopenhauer (2005, p. 356-357), jamais se atinge a essência íntima do mundo com o princípio de razão, mas se atinge somente fenômenos. Segundo ele, o autêntico modo de consideração filosófico do mundo, o qual nos ensina a conhecer a sua essência íntima e, dessa maneira, nos guia para além dos fenômenos, é exatamente aquele modo que não pergunta “de onde”, “para onde” ou “porquê”, mas sim pelo “Quê” do mundo, ou seja, não faz relações para dizer o que a coisa é. Esse modo de fazer relações é próprio do princípio de razão.

Com toda essa reflexão, Schopenhauer deixa cada vez mais clara a idéia de que é importante conhecer a vontade para diferenciá-la dos fenômenos. Neste sentido, ele atribui uma outra característica à Vontade, característica essa que dá um grande salto em sua teoria do conhecimento da Vontade, isto é, da coisa-em-si do mundo.

A vontade é vida e tudo o que ela quer é viver, ou seja, onde há vontade há vida. Ela em si mesma é carência. De acordo com Schopenhauer:

Como a Vontade é a coisa-em-si, o conteúdo íntimo, o essencial do mundo, e a vida, o mundo visível, o fenômeno, é seu espelho; segue-se daí que este mundo acompanhará a Vontade tão inseparavelmente quanto a sombra acompanha o corpo. Onde existe Vontade, existirá vida, mundo. Portanto, à Vontade de vida a vida é certa, e, pelo tempo em que estivermos preenchidas de Vontade de vida, não precisamos temer por nossa existência, nem pela visão da morte. (SCHOPENHAUER 2005, p.358)

Segundo Schopenhauer, o indivíduo, que é fenômeno da vontade, ganha sua vida como uma dádiva, surge do nada, e depois sofre a perda dessa dádiva através da morte. Para ele nascimento e morte pertencem exclusivamente ao fenômeno da Vontade, ou seja, pertencem à vida, a qual é essencial expor-se em indivíduos, os quais nascem e perecem.

Veremos com mais profundidade no próximo item, que Schopenhauer interpreta a Vontade enquanto “carência”, “falta”, “insatisfação” e carrega consigo muitos sofrimentos. O próprio homem é prisioneiro da Vontade e ele é incapaz de libertar-se por não ser possível desprender-se de seu querer fenomênico. Segundo Maia (1991, p. 26-27), só a vontade quer, e o que ela quer enforma-se enquanto vida, já que o que ela quer é unicamente a vida. Maia

interpreta que estar vivo é, desta perspectiva, estar submisso à Vontade enquanto alguém que quer de qualquer maneira viver.

Quais seriam as razões pelas quais Schopenhauer compara a vontade à vida? Segundo Lefranc, ele identifica a vontade com a vida para enfatizar o primado da Vontade em relação ao conhecimento. De fato, isso procede se considerarmos que anteriormente Schopenhauer expressou fortemente a importância do conhecimento da vontade. O procedimento que ele adota é partindo de uma objetivação, ou seja, ele tenta compreendê-la fazendo relações e distinções, isto é, a vontade em relação ao corpo e conseqüentemente em relação à toda vida que há no mundo. Segundo Lefranc (2005, p. 103), as forças da matéria bruta são compreendidas a partir da própria vida, da mesma maneira que a própria vida se compreende a partir da Vontade consciente de si mesma. Força vital é idêntica à vontade.

Vimos que para Schopenhauer a Vontade é vida, pois ela quer viver. A esse respeito Lefranc (2005, p. 103-104), faz uma reflexão interessante acerca da distinção entre vontade e vida. Segundo ele, a noção de vida nunca tem a mesma extensão da noção de vontade. De acordo com Lefranc:

A noção de vida nunca tem a mesma extensão da noção de vontade. Isto sob dois aspectos. Por uma parte, “uma primeira conclusão, portanto, é que a força vital é idêntica a vontade; *mas o mesmo se dá com todas as outras forças naturais* (grifo nosso), embora o fato seja menos evidente”. Por outra parte, “a qualificação da vida só convém ao ser organizado”. A consideração do organismo permite, então, traçar um limite nítido no interior da natureza: “Pode-se definir a vida como estado de um corpo que, através de mudança constante da matéria, conserva sempre a forma que lhe é essencial”. Muito pelo contrário, em um corpo não organizado, a conservação da forma é apenas acidental. A distinção entre a vontade repousa, deste modo, sobre a separação do reino orgânico e do reino inorgânico, tão difícil é pensar uma vontade sem vida. (LEFRANC 2005, p. 103-104).

Percebemos na reflexão de Lefranc que vontade e vida possuem características distintas, mas apesar de não terem a mesma extensão se completam, ou seja, a vontade sem a vida é perecível.

A vontade é ativa e se manifesta em diversos seres como fenômeno. A vontade como coisa-em-si, está tão pouco submetido ao princípio de razão quanto ao sujeito do conhecimento, que num certo contexto pode ser a vontade mesma ou sua exteriorização. Neste sentido, segundo Schopenhauer os objetos reais, entretanto, estão apenas no presente, pois, o tempo presente é a forma essencial e inseparável do fenômeno da vontade. Somente o presente é aquilo que sempre existe e se mantém firme e imóvel. De acordo com Schopenhauer (2005, p. 363), aquilo que continuamente vem a ser e perece, pois ou já foi ou ainda deve chegar a ser, pertence ao fenômeno enquanto tal, que para ele não existe no

sentido de que seu conteúdo ficara no passado ou ainda está por vir a ser. O presente, ao contrário, é a forma de toda a vida, isto é, o presente sempre existe junto com seu conteúdo.

3.3 Vontade e sofrimento

Podemos perceber até agora que a vontade enquanto coisa-em-si, é una e imutável, porém, enquanto fenômeno é plural e muito difícil de ser compreendida.

A vontade está presente em todas as formas de vida do planeta, ela se manifesta em diversos graus. Schopenhauer diz que encontramos necessidade interior da gradação dos fenômenos da vontade e se expressa por meio de uma necessidade exterior. Em questão de sobrevivência, o homem precisa se alimentar de plantas e outros animais. Ele tem essa necessidade para continuar vivendo, da mesma forma como os animais precisam se alimentar de outros para continuar seu ciclo vital. Neste sentido, podemos afirmar que estamos diante de uma vontade que quer viver e por isso ela tem que devorar a si mesma é, portanto, uma vontade faminta. A consequência de tudo isso é a caça, a angústia, o sofrimento. O sofrimento ocorre devido à discórdia da vontade consigo mesma.

Também encontramos aquela necessidade interior da gradação dos fenômenos da Vontade, inseparável da sua objetividade adequada expressa, na totalidade, por meio de uma necessidade exterior: justamente aquela em virtude da qual o homem precisa dos animais para sua conservação, e estes por sua vez, precisam uns dos outros segundo os seus graus, e por fim também precisam das plantas, que por seu turno precisam do solo, da água, dos elementos químicos e seus compostos, do planeta, do sol, da rotação e translação em torno deste, da obliquidade da eclíptica, e assim por diante. – No fundo, tudo isso se assenta no fato de a vontade ter de devorar a si mesma, já que nada existe de exterior a ela, e ela é uma vontade faminta. Daí a caça, a angústia, o sofrimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 219).

Cada ser vivo nasce e se adapta ao seu solo e atmosfera e ali se expressa a vontade de cada planta e de cada animal. Neste sentido, cada um tem seu alimento e tem seu predador natural. A harmonia só vai até onde cada um tem de conservar sua espécie. Quando chega a esse ponto é só sofrimento e angústia. Segundo Reale (1991, p. 229), a essência do mundo é vontade insaciável. Ela é conflito e dilaceração e, portanto, dor. A vontade é tensão contínua, é um constante sofrer enquanto não é satisfeita.

Schopenhauer nomeia sofrimento a sua travessão por um obstáculo e satisfação, bem-estar, felicidade, o alçamento do fim. Segundo ele, vivemos envoltos de constante sofrimento, sem felicidade duradoura. Toda satisfação também não é duradoura é sim um ponto de partida para outra satisfação. Schopenhauer (2005, p. 399), diz que não há nenhuma medida e fim do sofrimento.

A base de todo querer é, segundo Schopenhauer, necessidade, carência, logo sofrimento, ao qual conseqüentemente o homem está destinado pelo seu ser. Considerando na existência humana o destino secreto e essencial da Vontade e também em outros animais, embora em graus diferentes ele conclui que toda a vida é sofrimento. De acordo com Schopenhauer:

Em vista do exposto, queremos considerar na existência humana o destino secreto e essencial da Vontade. Todos irão facilmente reencontrar o mesmo na vida dos animais, apenas expresso em variados graus mais baixos e mais fracos; e assim nos convencer suficientemente de como, em essência incluindo-se também o mundo animal que padece, toda a vida é sofrimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 400).

Em todo esse grau de objetivação da Vontade, existe necessariamente uma luta contínua entre os indivíduos de todas as espécies e, é justamente aí que, segundo Schopenhauer, exprime-se um grande conflito interno da Vontade de vida consigo mesma. Esse conflito é denominado como mentalidade do egoísmo, o qual é essencial a cada coisa na natureza.

Todo esse item sobre o sofrimento é de suma importância para entendermos que o princípio de razão está ligado ao fenômeno da Vontade, ou seja, toda sua manifestação expressa seus fenômenos e suas relações causando sofrimento e não permitindo o sujeito de conhecer a beleza que existe no mundo. A beleza está no conhecimento das coisas seja positiva ou negativa. Neste sentido a Vontade é a causadora de todas as coisas ruins, isto é, ela se torna negativa quando se objetiva. É necessário se distanciar da Vontade para poder conhecer os seus fenômenos e conhecê-la também. É necessário um estado estético de contemplação para atingirmos o que são as coisas na sua essência. O artista é fundamental para a contemplação das idéias eternas e imutável existente em dado objeto e em cada ser humano, pois ele tem algo de muita preciosidade que é a genialidade, faculdade do conhecimento das idéias.

4 AS FORMAS DE ACESSO AO CONHECIMENTO METAFÍSICO PELO SENTIMENTO DA BELEZA, FORA DO PRINCÍPIO DE RAZÃO

Vimos no primeiro capítulo que Schopenhauer faz uma mudança desafiadora e ousada que é a passagem do conhecimento pelo princípio de razão para uma outra via de acesso ao desconhecido, ou seja, aquilo que ele chama de Vontade e que está para além dos fenômenos.

Schopenhauer acredita ser possível acessar o em-si do mundo, porém, a via de acesso à Vontade é o corpo e o sentimento. O corpo porque segundo ele é um meio pelo qual podemos acessar à Vontade, a qual é como uma força e está em todas as coisas e se objetiva. Não é possível pensar o conhecimento sem a relação sujeito e objeto. O sentimento envolve vários componentes os quais ganham grande força e se tornam mais importantes do que a razão na teoria Schopenhaueriana sobre a metafísica do belo.

Dentro desta perspectiva, nos deteremos neste terceiro capítulo, a uma segunda consideração que Schopenhauer faz do mundo como representação, porém agora, independente do princípio de razão. Neste sentido, as idéias platônicas, espécies da natureza expostas em fenômenos e apreendidas pelo princípio de razão de forma superficial, podem segundo Schopenhauer, ser intuídas límpida e puramente por meio da intuição estética.

A intuição dentro desta perspectiva de conhecimento ganha grande força. Aqui, será abordado no estado estético, toda a libertação do conhecer do serviço da vontade, o esquecimento do próprio si-mesmo como indivíduo, e a elevação da consciência ao puro sujeito do conhecer atemporal e destituído de vontade, independente de todas as relações com o querer. Nos capítulos seguintes, concluirei essa investigação tratando da arte e retomarei a questão do belo, porém ressaltando, mais a parte objetiva da satisfação estética, pois aqui tratarei da parte subjetiva da satisfação estética.

As idéias podem ser intuídas e de forma privilegiada, ou seja, sem fazer relações, sem conceitos e podem ser comunicadas em graus por diversas artes, isto é, cada área da arte comunica num certo grau a idéia do mundo, portanto a Vontade. Antes de aprofundar a abordagem sobre a forma privilegiada de conhecimento, se faz mister o esclarecimento da

diferença entre idéia e vontade como coisa-em-si, pois idéia e vontade tem significados diferentes. Já foi mencionado diversas vezes que vontade e coisa-em-si são a mesma coisa. Porém, a idéia é segundo Schopenhauer (2003, p. 39), a objetividade da vontade, porém imediata, e, por conseguinte adequada. A vontade é a coisa-em-si mesma, na medida em que ainda não se objetivou, não se tornou representação. Neste sentido, a idéia é para Schopenhauer objeto, algo conhecido, uma representação.

[...] Portanto, a idéia já é o objeto; a coisa-em-si por seu turno, não é objeto. A idéia, ao contrário, é necessariamente objeto algo conhecido, uma representação: essa determinação é a única mediante a qual as duas se diferenciam. A idéia apenas se despiu das formas subordinadas do fenômeno, todas expressas pelo princípio de razão; ou para dizer de maneira mais correta: ela ainda não entrou nessas formas. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 39).

Schopenhauer utiliza a questão da teoria da idéia de Platão, por concordar com ele que ela expressa o ser verdadeiro. Em Schopenhauer, a idéia é uma representação adequada da vontade, por isso, ele vai sempre usar os termos de que na experiência estética captamos a idéia do mundo, isto é, da Vontade. A idéia, portanto, é uma forma de comunicação da vontade. Nas palavras de Schopenhauer (2003, p. 51): “Só as idéias são a objetividade adequada da vontade, por conseguinte, só elas possuem realidade propriamente dita”. Dentro dessa afirmação, podemos entender que as idéias de Platão são fundamentais no conhecimento da coisa-em-si. Essa afirmação se fundamenta nas seguintes palavras de Schopenhauer (2003, p. 51): “Por fim, nos convenceremos do que Platão queria dizer, ao atribuir ser verdadeiro somente às Idéias, enquanto, ao contrário, as coisas no espaço e no tempo - esse mundo real para o indivíduo – concedia só uma existência aparente e onírica”. Portanto tudo o que está submetido ao tempo e ao espaço perecem, vem a ser e não são. O conhecimento aqui abordado é destituído de Vontade e de razão, portanto, é um conhecimento atemporal e aracional.

4.1 A metafísica do belo

Faz-se mister neste capítulo, uma especial abordagem sobre a metafísica do belo onde Schopenhauer vai nos preparando para entender como se dá o conhecimento pelo viés da arte que é considerado uma forma privilegiada de conhecimento das idéias da Vontade, da vida em geral. Na metafísica do belo, poderemos de início, ter um pouco de clareza sobre o que ele entende por belo e qual a sua importância na apreensão das idéias do mundo. Essa parte intitulada metafísica do belo nos ajudará a entender todos os sentimentos que nesta abordagem são condições do sujeito para melhor apreensão das idéias.

De acordo com Schopenhauer, a metafísica do belo é a doutrina da representação, onde não se segue o princípio de razão, é independente deste princípio, ou seja, é a doutrina da apreensão das idéias pela intuição que são o objeto da Arte. Ele deixa bem claro que Metafísica do Belo não trata da estética no sentido de regras de técnicas das artes isoladas, mas a estética é abordada como aquela que ensina o caminho pelo qual o efeito do belo é alcançado e este efeito é o estado de conhecimento da realidade mesma do mundo.

A metafísica do belo dentro da perspectiva Schopenhaueriana (2003, p. 24), se caracteriza pela tentativa de investigar a essência íntima da beleza, tanto no que se refere ao sujeito que possui a sensação do belo quanto ao objeto que a ocasiona. A partir daí, podemos perceber que o belo não tem um significado no sentido comum do termo e como nós entendemos, ou seja, não significa algo que é bom e agradável. Do contrário, o belo ganha um outro sentido que é de suma importância para compreendermos essa forma privilegiada de conhecimento.

O belo, portanto, é considerado por Schopenhauer como um estado de conhecimento em nós, ou seja, é um modo especial de conhecimento. Enquanto que no primeiro livro as condições de possibilidade de conhecimento são as formas puras da consciência tempo e espaço, formas essas que nos permitem conhecer as coisas apenas em sua aparência, no terceiro livro, uma das grandes condições de possibilidade de conhecimento é o sentimento do belo, isto é, o belo é um grande estado de conhecimento do sujeito. Dentro desta teoria do belo como estado de conhecimento, Schopenhauer levanta uma questão que é saber que grau de conhecimento esse estado pode nos fornecer. De acordo com Schopenhauer:

[...] Consideramos o belo como um conhecimento em nós, um modo todo especial de conhecer, e nos perguntamos que esclarecimento esse modo de conhecer nos fornece acerca do todo de nossa concepção de mundo. [...] De fato, a fruição do belo é manifestamente bastante diferente de todos os outros prazeres, e, por assim dizer, apenas metafórica ou figuradamente pode-se nomear prazer. (SCHOPENHAUER, 2003, p.25).

Dando prosseguimento à discussão acerca do grau de conhecimento do belo, Schopenhauer deixa transparecer que o grau de conhecimento fornecido está no próprio significado do belo enquanto estado de conhecimento e nas próprias características que o constitui. O belo proporciona um grau elevado de conhecimento da realidade do mundo, portanto, a fruição do belo é manifestação bastante diferente de todos os outros prazeres em que há um forte acento no prazer individual de utilidade como, por exemplo: riqueza herdada, vitória sobre os inimigos, novos relacionamentos nos quais se espera ter vantagens etc., todos esses prazeres estão ligados a saciabilidade da vontade. Tudo que está ligado à vontade dificulta a possibilidade de conhecer. É importante um distanciar-se do querer da vontade e

para que o conhecimento seja eficaz e o prazer do belo surta efeito é necessário um abandonar-se em tal estado.

O prazer do belo é aqui de gênero inteiramente diferente, isto é, se baseia no mero conhecimento, exclusivo e puro, ou seja, sem que os objetos do conhecimento tenham alguma relação com nossos interesses subjetivos, isto é, com nossa vontade. A alegria com o belo é para Schopenhauer completamente desinteressada. Portanto, o belo é objetivamente belo, isto é, para todos. O agradável é útil e de natureza individual. Segundo Schopenhauer o belo é algo objetivo, ou seja, existe para o sujeito em geral. O belo é o mesmo para todos não segundo o grau, mas segundo a forma. É igual para todos enquanto estado de conhecimento, pois cada indivíduo tem grau diferenciado de conhecimento.

Passaremos para uma etapa mais importante e mais aprofundada desta teoria de acesso ao em si que é o modo de conhecimento estético o qual só pode ser concebido apenas intuitivamente e só pode ser comunicado apenas por obras de arte. É um estado muito especial, pois se refere a um total abandono do sujeito ao objeto. Aqui não existem relações, mais só existe o sujeito que conhece e o objeto que ocasiona tal conhecimento, por isso, que tal objeto pode ser considerado belo.

4.2 Estado estético e conhecimento

O estado estético é na teoria Schopenhaueriana do conhecimento da coisa-em-si, a transição do conhecimento comum das coisas particulares para o conhecimento das idéias e essa passagem ocorre quando o conhecimento se liberta do serviço da vontade. Neste sentido, o sujeito do conhecimento deixa de ser apenas individual e se torna puro sujeito do conhecimento. Puro sujeito significa destituído de vontade e conseqüentemente livre de todo o seu querer fenomênico.

Para entendermos essa idéia de puro, é só compararmos com o que Kant fala do conhecimento puro que é um conhecimento independente da experiência, porém, em Schopenhauer puro significa destituído de vontade onde não se seguem mais as relações conforme o princípio de razão.

O estado estético dentro desta perspectiva é um estado de contemplação em que o sujeito se coloca diante da natureza orgânica e inorgânica e deixa de fazer relações a fim de contemplar o objeto mesmo, pois quando nos colocamos diante de um objeto ou da natureza em geral, corremos o risco de cair no erro de querer dizer o que aquelas coisas são, fazendo relações, e muitas vezes rotulando com nossos pré-conceitos, falsos juízos. Agindo assim,

jamais conseguiremos dizer algo verdadeiro da coisa-em-si. Segundo Schopenhauer, devemos deixar as coisas se manifestarem a nós assim como elas são, não como nós queremos que elas sejam. Não devemos perguntar pelo porquê desse ou daquele objeto, mas devemos perguntar pelo quê de tal objeto. Nas palavras de Lefranc (2005, p. 192): “Basta que nosso olhar pouse livremente sobre ele e que a nossa percepção, livre de qualquer preocupação, o deixe livremente ser o que é no seu ser”.

Dentro desse estado de contemplação, temos em nós a intuição que é para Schopenhauer uma força interna pela qual apreendemos as idéias das coisas. Intuir significa ver, apreender a idéia das coisas contempladas, pois, quando o objeto é separado de toda relação com algo exterior a ele e o sujeito de sua relação com a vontade, o que é conhecido não é mais a coisa particular enquanto tal, mas a Idéia, a forma eterna, portanto, a objetividade imediata da vontade neste grau. Além disso, aquele que concebe na intuição não é mais indivíduo, visto que o indivíduo se perdeu nessa intuição, é sim o atemporal puro sujeito de conhecimento destituído de vontade e sofrimento. A respeito do sentimento estético, Muriel diz (1991, p 170), que para Schopenhauer sentimento estético vem-nos sempre através de uma intuição pura e deve ser interpretado como um sentimento metafísico. Na interpretação de Maia, na intuição o intelecto atinge o nível de uma contemplação estética que implica num mergulho do sujeito cognoscente dentro do objeto conhecido. De acordo com Schopenhauer:

Quando, elevados pela força do espírito, abandonamos o modo comum de consideração das coisas, cessando de seguir apenas suas relações mútuas conforme o princípio de razão, cujo fim último é sempre a relação com a própria vontade; logo, quando não mais consideramos o Onde, o Quando, o Porquê e Para Quê das coisas, mas única e exclusivamente o seu Quê; noutros termos, quando pensamento abstrato, os conceitos da razão não mais ocupam a consciência mas, em vez disso, todo o poder do espírito é devotado a intuição e nos afunda por completo nesta, a consciência inteira sendo preenchida pela calma contemplação do objeto natural que acabou de se apresentar, seja uma paisagem, uma árvore, um penhasco, uma construção ou outra coisa qualquer; quando, conforme uma significativa expressão alemã a gente se perde por completo nesse objeto, isto é, esquece o próprio indivíduo, o próprio querer, e permanece apenas como claro espelho do objeto – então é como se apenas o objeto ali existisse, sem alguém que o percebesse, e não se pode mais parar quem intui na intuição, mas ambos se tornam unos, na medida em que toda consciência é integralmente preenchida e assaltada por uma única imagem intuitiva. (SCHOPENHAUER 2005, p. 246).

Tudo que está ligado ao princípio de razão, tempo, espaço e causalidade nos permitem conhecer as coisas apenas na sua aparência, mas quando nós elevamos a consciência a um estado de contemplação de um objeto e nos perdemos nesse objeto, o conhecimento acontece num grau elevado em que a vontade que é a vida em geral se revela a nós, ou seja, conhecemos as coisas na sua essência.

Nesta contemplação, de um só golpe, aquilo que é particular torna-se a Idéia de sua espécie e o indivíduo que intui tal idéia se transforma no puro sujeito do conhecimento. Há, portanto, uma grande diferença entre o indivíduo do puro sujeito do conhecer: o indivíduo enquanto tal conhece apenas coisas isoladas, ao passo que o sujeito puro do conhecer, conhece apenas idéias.

O indivíduo que conhece se eleva a puro sujeito do conhecer e precisamente por aí o objeto considerado se eleva à idéia e é aí, que o mundo como representação aparece pura e inteiramente, acontecendo à objetivação mais perfeita da vontade. Neste sentido, na idéia, sujeito e objeto mantêm um equilíbrio que para Schopenhauer é um equilíbrio pleno. O objeto é representação do sujeito, porém essa representação é uma representação verdadeira da coisa mesma que foi intuída. No primeiro livro de sua obra, Schopenhauer deixa claro que o objeto é representação do sujeito, no entanto, é uma representação falsa e que não diz o que a coisa é em-si-mesma.

Ainda estamos num primeiro grau de abordagem acerca do estado estético e neste grau, fica claro que na teoria Schopenhaueriana as coisas particulares, em todos os tempos e espaços, são apenas as idéias multiplicadas e deturpadas pelo princípio de razão, forma de conhecimento dos indivíduos como tais. Quando abstraímos por completo o mundo como representação, nada mais resta senão o mundo como vontade. Essa vontade que, alheia à representação e a todas as suas formas, é única, ou seja, independente do objeto ou do sujeito que ela se manifesta ela será sempre uma, apenas seu fenômeno será múltiplo. Portanto, se a vontade que é uma coisa só e está no objeto intuído e está no sujeito que a intui, significa dizer que ela auto se conhece.

[...] Vontade que, alheia à representação e a todas as suas formas, é uma única e mesma tanto no objeto contemplado quanto no indivíduo que se eleva à contemplação e se torna consciente de si como puro sujeito. Esses dois, por conseguinte, não são em si diferentes, pois em si são a Vontade que aqui se conhece a si mesma. (SCHOPENHAUER, 2005 p. 248).

Fica esclarecido que no estado estético, o contemplador, por meio da Idéia platônica, centrado na imagem do em si, então, é a própria Vontade, unidade restabelecida, que se auto conhece no espelho da representação. Ela se auto conhece porque ela está em tudo, isto é, tanto no objeto contemplado quanto no sujeito que contempla.

O conhecimento da Vontade acontece porque o sujeito ao contemplar uma árvore, o claro olho cósmico não procura sua explicação, deixa-a tranqüila diante de si, perde-se na sua imagem, fruindo-a sem sair da efetividade. Neste sentido, Schopenhauer, após afirmar que as Idéias são atos originários e adequados da Vontade, como vimos anteriormente, expondo-se

em toda natureza, agora as afirma não enquanto exposições fenomênicas, manifestações que afirmam a Vontade, mas sim como Idéias contempláveis esteticamente, implicando isso a negação da Vontade, pois na teoria Schopenhaueriana da contemplação estética da Idéia, desaparecem os sinais da luta pela matéria, característica da afirmação da Vontade, somem os impulsos de vida e os interesses conectados a eles. A própria Vontade, ao contemplar-se deixa de querer a Vida e por isso, o sujeito capta a idéia real das coisas contempladas, pois como já foi expresso, as idéias não passam de suas objetividades as mais adequadas possíveis, imagens perfeitas de si, projetadas no espelho da representação independente do princípio de razão.

É importante ressaltar nessa abordagem sobre o estado estético, que para Schopenhauer (2005, p. 272), a beleza consiste justamente, quando na intuição dos objetos, eles se acomodam e tornam representáveis, ou seja, é uma representação verdadeira do objeto contemplado. Acomodado significa que o objeto não é confuso mais é compreensível. Segundo ele, a bela natureza possui esta qualidade e ela desperta até nas pessoas insensíveis, ao menos uma satisfação estética fugaz. O reino vegetal em si convida a consideração estética.

No tocante a beleza, Schopenhauer diz que quando estamos no estado de contemplação estética, o que nos torna puro sujeitos do conhecer é simplesmente o Belo que age sobre nós, e o sentimento aí despertado é o da beleza, pois a beleza consiste no grau de conhecimento que abstraímos da efetividade. Uma coisa é bela quando ela nos proporciona um maior grau de conhecimento de si. Neste sentido, Lefranc nos diz (2005, p. 193): “Para achar que alguma coisa é bela, devemos deixar o objeto fortuitamente encontrado produzir-se por si mesmo, puramente enquanto ele mesmo no seu grau e na sua dignidade própria”. Como já foi ressaltado, o belo é um estado de conhecimento do sujeito que percebe a essência íntima do mundo. Só tal sentimento pode nos agraciar com tanta perfeição.

Na contemplação estética temos dois tipos de sentimento estético e que são fundamentais para a apreensão da idéia: temos o sentimento do Belo que já foi explicitado e o outro é o sentimento do Sublime o qual abordarei com mais profundidade no próximo capítulo, ao tratar da diferença e semelhança entre ambos os sentimentos. Nesta abordagem, me deterei apenas ao sentimento do Belo.

Dentro desta perspectiva de conhecimento estético, o Belo é, segundo Schopenhauer, tudo aquilo a que se tem acesso objetivo, ou seja, a tudo que se conhece no caminho interior da consciência de modo desinteressado, isto é, sem estar a serviço da vontade. Portanto, cada coisa contemplada pode ser apreendida de modo puramente objetivo e fora de todas as relações. Isto é possível, porque como já tratado no primeiro capítulo, a vontade se objetiva,

ela aparece no objeto e sendo esta objetividade a expressão de uma Idéia, assim é bela cada coisa. De acordo com Schopenhauer:

[...] Então, de modo auto-suficiente, uma contemplação puramente objetiva entra em cena, e de repente somos sobrelevados da torrente sem fim da cobiça e aquisição; o conhecimento liberta-se da escravidão da vontade e existe para si de maneira livre, não mais apreendendo as coisas conforme elas digam respeito à vontade, conforme seus motivos, mas o conhecer é agora livre de toda relação com o querer. (SCHOPENHAUER 2003, p. 91).

Percebe-se aí nessa teoria de Schopenhauer que há uma mudança do sujeito que conhece, ou seja, o sujeito deixa de ser indivíduo, sai do seu subjetivismo e passa a ser o puro sujeito do conhecer. Segundo Schopenhauer, essa contemplação pura observa-se na intuição, o perder-se no objeto, o esquecer-se de toda individualidade. Como já mencionado de forma introdutória, na maioria das vezes, é a beleza, isto é, a figura do objeto ao expressar sua Idéia, que nos coloca no estado do puro conhecer. Somente disposição interna, no caso a intuição, pode, diante de qualquer objeto, em qualquer ambiente, colocar a mente nesse estado. Sobre essa questão Schopenhauer faz referência, aos artistas da escola neerlandesa os quais pintavam as chamadas naturezas mortas. Segundo ele tais quadros só são possíveis porque o artista pôde deter a descrita intuição objetiva em objetos insignificantes. É importante uma entrega total a este estado, pois, só assim será possível captar as idéias.

Por fim, a disposição mental puramente objetiva será bastante favorecida e fomentada de fora, caso o próprio objeto, mediante sua figura significativa, lhe venha ao encontro e convide por si mesmo à pura intuição, o que o faz em particular a bela natureza em sua exuberância, ela como que se impõe à consideração objetiva. Esta é uma grande razão pela qual a natureza, por meio de sua beleza estética, faz efeito de maneira tão benéfica sobre nossa mente. Segundo Schopenhauer, o poder com que ela nos solicita à pura intuição é tão forte, que ela se abre ao nosso olhar muitas vezes de um só golpe, nos possibilitando assim a liberação com o nosso si mesmo sofredor e seus fins e nos coloca num estado de puro conhecer, apesar de muitas vezes só por alguns instantes. A natureza nos toca com uma tal força que nos obrigamos a voltar todo nosso olhar e todo o nosso sentimento para sua contemplação.

Schopenhauer faz uma alerta interessante e diz que este estado estético de conhecimento pode ir por água abaixo, caso se faça uma relação com nossa vontade. Tudo que está ligado com a Vontade impossibilita o conhecimento da realidade mesma das coisas. Segundo ele, muitas pessoas não conseguem permanecer nesse estado, porque lhes falta a objetividade, ou seja, a índole estética.

5 A FORMA PRIVILEGIADA DO CONHECIMENTO METAFÍSICO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Neste capítulo, cujo título central é a forma privilegiada de conhecimento pelo viés da arte, darei continuidade a abordagem do estado estético de conhecimento, ou conhecimento destituído de Vontade. Além de ser tratado desse estado de conhecimento será concomitantemente desenvolvida a questão de como é possível comunicar esse conhecimento ou essas idéias que o Gênio ou Artista captou na natureza efetiva e que procura comunicar essas idéias por meio de suas obras de arte.

Nessa abordagem, ficará mais clara a forma privilegiada de conhecimento pelo fato de tratarmos da questão da genialidade. O Artista o qual possui a genialidade - que não é tratado por Schopenhauer como alguém que nasceu com habilidades, ao contrário, a genialidade é a faculdade de conhecer - consegue entrar num estado de contemplação e, por ter essa faculdade de conhecer, destituído de vontade, ele capta as idéias verdadeiras e eternas da natureza e também da vida em geral. O gênio é o puro sujeito do conhecer, pois ele se abandona ao estado estético destituído de qualquer interesse individual.

O gênio tem êxito nesse conhecimento, graças às condições de possibilidade de conhecimento contido nele, que é o estado do belo o qual possibilita a apreensão das idéias e o sublime. Este tem a função de elevar a consciência do sujeito a tal estado estético. Por fim, temos a intuição que é, segundo Schopenhauer, uma força interna pela qual apreendemos as idéias contidas na natureza ou em qualquer objeto.

5.1 O objeto da arte

A arte, grande obra do gênio, é de suma importância na comunicação da essência do mundo, pois nela se expressa uma realidade contemplada pelo artista, ou seja, nela está contida a idéia eterna que o gênio apreendeu na natureza. Neste sentido, é importante lembrar

que o gênio contemplou através da intuição, força interna que nos ajuda na apreensão das idéias e o estado do belo que é um estado de conhecimento, é condição de conhecimento do sujeito.

Dentro dessa perspectiva de conhecimento, pelo viés da arte, é interessante ressaltar a forma que Schopenhauer aborda o objeto da arte, nesta maneira privilegiada de conhecimento.

Nas palavras de Schopenhauer:

[...] Entretanto, qual modo de conhecimento considera unicamente o essencial propriamente dito do mundo, alheio e independente de toda relação, o conteúdo verdadeiro dos fenômenos, não submetido a mudança alguma e, por conseguinte, conhecido com igual verdade por todo o tempo, numa palavra, as Idéias, que são a objetividade imediata e adequada a coisa-em-si, a Vontade? – Resposta: é a Arte, a obra do gênio. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 253).

A arte se detém num particular, ou seja, ela se detém apenas no essencial, portanto, a idéia é o objeto da arte. Ela repete as idéias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente dos fenômenos do mundo, que, conforme o conteúdo em que é repetido, expõe-se como arte plástica, poesia ou música. Neste sentido, para Schopenhauer a origem da arte é o conhecimento das Idéias e seu único fim é a comunicação deste conhecimento.

Pelo viés da arte há um conhecimento centrado nas idéias que prescindem das relações, ou seja, as relações desaparecem. Dentro dessa perspectiva, Schopenhauer define a arte como o modo de consideração das coisas independente do princípio de razão. Portanto, o conhecimento que não segue o princípio de razão é o genial próprio da arte. Já o modo de consideração que segue o princípio de razão é o racional, válido apenas na vida prática e na ciência.

Quem possui o grau mais elevado de conhecimento é o gênio. O gênio possui o grau mais elevado de conhecimento que o torna possível, através de semelhante conhecimento, conservar a clareza de consciência necessária para reproduzir numa obra intencional o assim conhecido, reprodução esta que é a obra de arte. Por meio da obra de arte o gênio comunica aos outros a idéia apreendida na contemplação estética.

A obra de arte é simplesmente um meio de facilitação do conhecimento da idéia, no qual repousa o prazer do belo. A idéia é apresentada de forma mais clara a partir da obra de arte do que imediatamente a partir da natureza ou da efetividade. Isso se deve ao fato de o artista, que conheceu só a idéia e não mais efetividade, também ter reproduzido puramente em sua obra somente a idéia, destacada da efetividade com todas as suas causalidades. Segundo Schopenhauer, o artista nos deixa olhar com seus olhos para a realidade, e assim tornamo-nos participantes, por sua intermediação, do conhecimento das idéias.

Veremos que o gênio é a capacidade preponderante de apreender as idéias das coisas por intuição contemplativa e puramente objetiva, a qual só acontece como já ressaltado, na medida em que é abandonado o modo de consideração, conforme o princípio de razão, que conhece as relações e as coisas isoladamente, cuja existência inteira reside propriamente apenas nas relações.

Para ficar mais claro essa questão das relações, é importante lembrar os seguintes aspectos: para conhecermos algo, é necessário estar destituído de vontade. Além disso, embora o conhecimento tenha brotado da vontade e se enraíza no fenômeno dela, é precisamente a vontade que com frequência nos torna impuros, ou seja, nosso querer constantemente turva nosso conhecer. Nosso querer ou não querer relacionados às coisas atuais faz cair a névoa da subjetividade sobre tudo o que é objetivo. Portanto, se devemos conceber por pura contemplação objetiva a essência verdadeira e íntima das coisas, a idéia que fala a partir delas, não podemos ter jamais nenhum interesse nelas, ou seja, ela não pode estar em relação com nossa vontade.

Parece ser contraditório falar em conhecimento da vontade e ao mesmo tempo em distanciamento da vontade; pois aí é que está a grande questão de Schopenhauer: para conhecer esta realidade que está aí em nossa frente e que nos apresenta de diversas formas em diversos fenômenos, que é a própria vontade, precisa ser conhecida, ou melhor, pode ser conhecida. Porém para conhecê-la é necessário distanciar-se dela para poder perceber que essa vontade é o princípio uno e mutável de todas as coisas e esse princípio é a causa de todo sofrimento e seu conhecimento não está submetido ao princípio de razão tempo, espaço e causalidade.

Todos nós podemos, segundo Schopenhauer, conhecer a essência das coisas representadas nas idéias captadas pelo gênio, porém desde que nós também entremos num estado puro de contemplação estética destituído do querer, isto é, da vontade. Neste sentido, a teoria do gênio Schopenhaueriana se torna democrática, pois concede a todas as pessoas um certo grau de genialidade, ou seja, concede uma possibilidade de conhecimento, o que lhes permite reconhecer o belo nas artes e também na natureza. Qualquer pessoa que não seja considerada um gênio, no sentido estrito do termo, pode conceber as idéias numa obra de arte. Na verdade, a genialidade é em Schopenhauer uma faculdade estética, que admite diferentes graus muito reais na mente de cada indivíduo, basta que se abandone no estado de contemplação destituído de vontade. O olhar de quem quer ter esse tipo de conhecimento tem que ser um olhar puro, livre de qualquer relação e de qualquer coisa isolada. Portanto, as condições de possibilidade de conhecimento das pessoas que não são consideradas geniais,

são os sentimentos do belo e do sublime, estado característico do homem que possui a faculdade da genialidade. A obra do gênio, propicia e provoca tal sentimento a quem realmente deseja captar a essência real da vida.

Essa perspectiva de conhecimento vai além das coisas corpóreas do mundo, ou seja, esse tipo de conhecimento se atribui ao conhecimento da vida das pessoas. A vida como um todo é movida por situações fenomênicas, isto é, todas as atitudes humanas movidas por uma vontade é representada por cada indivíduo de diversas formas, proporcionando assim uma vida de aparências e não de coisas essenciais. Podemos ver a vida do ser humano numa perspectiva supérflua ou podemos percebê-la nos seus valores e concluir que a vida é bela ou sofrimento, como o próprio Schopenhauer afirma ser. Podemos olhar para vida com mesmo olhar do gênio, com o estado do belo que é um estado de conhecimento. Com o sentimento do belo podemos perceber a vida como um todo na sua essência. E a vida será bela, segundo Schopenhauer, se ela nos proporcionar um grau elevado de conhecimento de si.

Por conseguinte, se devemos conceber por pura contemplação objetiva a essência verdadeira e íntima das coisas, a Idéia que fala a partir delas, não podemos ter nenhum interesse nelas, ou seja, elas não tem de estar em relação alguma com nossa vontade. (SCHOPENHAUER 2003, p. 85).

Tudo que foi ressaltado acerca de quem pode ter acesso ao conhecimento, deixa claro que para Schopenhauer, cada pessoa possui ou pode adquirir um certo grau de genialidade, porém, há pessoas que possuem um grau de genialidade elevadíssimo, portanto, para os que possuem um grau mais baixo de genialidade é mais exitoso apreender a idéia expressa por imagens artísticas, isto é, nas obras de arte. A imagem artística, segundo Schopenhauer, nos facilita a disposição puramente objetiva, já pelo fato de ser uma mera imagem. Segundo ele, a mera imagem não estimula qualquer relação com a vontade. Já a contemplação na efetividade, pode nos levar a uma relação com os interesses da vontade, possibilitando conhecimento apenas de fenômenos. O que vemos apenas na imagem, ou na poesia, ou num drama, não é para nós efetivo, mas, se encontra além de qualquer possibilidade de uma relação com nossa vontade. A esse respeito, Schopenhauer nos diz (2003, p. 86): “A imagem da obra de arte, por conseguinte, não pode estimular nossa vontade, mas fala puramente para nosso conhecimento, dirige-se exclusivamente a ele. É uma questão interessante essa diferença de uma contemplação da natureza ou da efetividade para uma contemplação de uma obra do gênio. Pois cada pessoa possui um certo grau de possibilidade de conhecimento das idéias, neste sentido nem todas as pessoas tem o grau de concentração do gênio e a sua experiência direta com a natureza pode não ser exitosa. Toda essa dificuldade de conhecimento é referente também a diversidade de problema que cada ser humano enfrenta e tem a ver também com o

poder de decisão de cada ser. As pessoas comuns dentro da multiplicidade de opções e atividades, têm dificuldades de centrarem-se em algo e não conseguem usufruir de um elevado grau de consciência de si e da realidade que as circundam.

5.2 O gênio ou artista e a genialidade schopenhaueriana.

O gênio tem como essência a capacidade de conhecer por pura contemplação as idéias, seja na natureza, seja numa obra de arte. Para Schopenhauer, só o gênio é capaz de um esquecimento completo da própria pessoa e de suas relações, neste sentido, fica uma grande questão: que é no que consiste a genialidade, pois na teoria Schopenhaueriana, a genialidade nada é senão a objetividade mais perfeita, ou seja, orientação objetiva do espírito, em oposição à subjetividade que vai de par com a própria pessoa, isto é, com a vontade. Em outras palavras, a genialidade é a capacidade de proceder puramente intuitiva, de perder-se na intuição e afastar-se por inteiro dos olhos, o conhecimento que existe originariamente apenas a serviço da vontade, ou seja, de seu interesse. A genialidade é ausente à personalidade completamente, por um tempo onde resta apenas o puro sujeito que conhece, claro olho cósmico, ou seja, a genialidade é ausente de todo querer particular. Esse tempo não é por um instante, mas de maneira duradoura e com tanta clareza de consciência quanto for preciso para reproduzir o que foi apreendido numa arte planejada.

Para ficar mais clara a compreensão da questão do gênio, Schopenhauer diferencia o gênio do homem comum: o homem comum não consegue permanecer por muito tempo na simples intuição, ou seja, não prende seu olhar por muito tempo no objeto. O homem genial, ao contrário, furta-se por instantes ao serviço da vontade, detém-se na consideração da vida mesma e em cada coisa à sua frente esforça-se por apreender a sua idéia, não as suas relações com as outras coisas.

Schopenhauer torna clara essa questão quando nos diz que para o homem comum, a faculdade de conhecimento é a lanterna com a qual ilumina o seu caminho, ao contrário deste, para o homem genial, a faculdade de conhecimento é o sol com o qual revela o mundo. No homem genial se expressa um conhecer puro sem interesses, ao passo que o homem comum só pensa em seus interesses subjetivos.

Jair Barbosa (2001, p. 66) no seu texto em que expõe sua compreensão acerca da metafísica do Belo nos diz: “Se no homem comum encontra-se um primado da vontade sobre o intelecto, no gênio verifica-se exatamente o contrário, a preponderância do intelecto sobre a vontade”. Intelecto é aqui entendido como um modo de conhecimento pelo qual o sujeito

eleva sua consciência a um estado de contemplação. Sem dúvida, essa diferença nos possibilita refletir, compreender que o conhecimento da vontade não é simples e exige de cada ser humano um despojamento e um sair de si para contemplar algo que nos coloca de forma mais objetiva, centrada em algo que pode fazer bem para todos, é um olhar voltado para o todo.

Schopenhauer faz essa distinção apenas para sabermos identificar e diferenciar o homem comum do homem genial, porém ele não quer menosprezar o homem comum e muito menos dizer com isso, que há homens absolutamente incapazes de satisfação estética. Embora a genialidade consista na capacidade de conhecer independente do princípio de razão, ela não trata de coisas isoladas, que têm a sua existência apenas na relação, mas trata das idéias. Na genialidade, portanto, não há mais indivíduo, mas puro sujeito do conhecer. Mesmo assim, essa capacidade tem de residir em todos os homens, em graus menores e variados, do contrário seriam tão incapazes de fruir as obras de artes, quanto o são de produzi-las. Dizer que todos são capazes de produzir uma obra de arte, seria uma inverdade, mas dizer que todos são capazes de contemplá-la é possível e verdadeiro. Neste sentido, a contemplação é concedida a todas as pessoas que queiram fazer tal vivência estética.

[...] Se, portanto, não há homens absolutamente incapazes de satisfação estética, temos de admitir que em todos existe aquela faculdade de conceber nas coisas as suas idéias, e, em tal conhecimento, de despir-se por um momento da sua personalidade. O gênio possui tão-somente um grau mais elevado e uma duração mais prolongada daquele modo de conhecimento, o que lhe permite conservar a clareza de consciência exigida para produzir numa obra intencional o assim conhecido, reprodução esta que é a obra de arte. (SCHOPENHAUER 2005, p. 264-265).

O artista ou gênio nos permite olhar para o mundo mediante os seus olhos, ou seja, o gênio tem o dom de desvelar-nos o essencial das coisas, independente de suas relações, por meio de diversas obras de arte. Dentro da genialidade há dois componentes importantes a serem abordados, que é a questão da fantasia e a questão da loucura. Esses dois sentimentos são dois componentes indispensáveis para o acesso ao em-si do mundo.

Quanto à fantasia, um aspecto a considerar, inicialmente, é que sem ela, o conhecimento do gênio seria limitado às idéias dos objetos, efetivamente presentes à sua pessoa. Pois, a fantasia, segundo Schopenhauer, amplia o seu horizonte, alargando-o para o além de sua realidade, de sua experiência pessoal. Além disso, a fantasia põe o gênio na condição de, a partir do pouco que chegou, à sua percepção efetiva, construir todo o resto e, assim, deixar desfilar diante de si quase todas as imagens possíveis da vida, ou seja, a fantasia amplia o círculo de visão do gênio para além dos objetos que se oferecem na efetividade à sua pessoa, tanto em qualidade quanto em quantidade.

Neste sentido, a fantasia ajuda o gênio a apreender o máximo de conhecimento da natureza contemplada. Ele vai criando muitas imagens até chegar à verdadeira realidade que rege o mundo. Schopenhauer faz uma distinção entre a fantasia genial e a fantasia comum. Segundo ele, é possível considerar um objeto efetivo de duas maneiras opostas: uma puramente objetiva e genial e outra comum, meramente em suas relações com outros objetos e diretamente com a vontade.

Ora, daí decorre que uma imagem da fantasia pode também ser vista de dois modos opostos: ou se precisa da imagem para conhecer uma Idéia, cuja comunicação posterior é a obra de arte, ou se precisa dela de maneira comum, como uma coisa isolada, da qual se consideram as relações com as outras coisas; por isso usam-se fantasmas para a construção de castelos no ar, que alimentam o egoísmo e o humor próprio, divertem e iludem momentaneamente. (SCHOPENHAUER 2003, p. 65).

De fato, a fantasia é um componente importante para o conhecimento, não só do que a natureza formou, mas o que se esforçava por formar, porém, segundo Schopenhauer, devido à luta de suas formas entre si, não conseguiu levar a bom termo. É interessante essa nova compreensão da fantasia como elemento primordial do conhecimento da idéia, porque a fantasia sempre foi vista como criação de algo que não é verdadeiro, algo ilusório e, em Schopenhauer, a fantasia ajuda a clarear a mente e nos facilita no alcance do conhecimento verdadeiro.

Antes de falar da questão da loucura, é fundamental salientar que a raiz do gênio, portanto, está no modo de conceber o mundo intuitivo, na pureza da intuição. Para Schopenhauer (2003, p. 71) o gênio, diferente do homem comum, vê o mundo de forma mais clara e mais bela, ou seja, ele vê o mundo amplamente, porque nele a representação não é turvada pela Vontade. Portanto, está claro que o gênio é a capacidade de conhecer as idéias, o essencial, o imutável. A Idéia, no entanto, torna-se comunicável pela obra de arte, enquanto a essência inteira torna-se exponível apenas pela filosofia. Eis porque a arte, diz ele, tanto a plástica quanto a poesia e a música, bem como a filosofia, são o círculo de atuação propriamente dito e o conteúdo das obras do gênio.

O gênio consegue captar uma realidade essencial do mundo pela contemplação onde tempo e espaço não existe, mas apenas sujeito e objeto contemplado, eis porque o gênio consegue expressar numa obra de arte a idéia com tanta coerência sem deturpar a realidade mesma. E quem se propõem a olhar para tal obra com os sentimentos da beleza, percebe que naquela obra está uma essência que só um gênio consegue intuir e comunicar. Afinal de contas, a função da obra de arte é justamente a comunicação das idéias apreendidas. E a maioria das obras, independente do tempo, continuam a comunicar uma vida que um dia foi produzida por grandes gênios dentro de uma efetividade e dentro de uma historia permeada

por diversos problemas que podem ser compreendidos por muitas gerações, mas para haver tal entendimento, é necessário um abandono despojado de pré-conceitos e interesses subjetivos.

[...] Observe como as obras dos grandes poetas dos tempos mais antigos e mais diversos permanecem sempre joviais e nunca envelhecem: Horácio, Homero, Dante, Petrarca, Shakespeare. Do mesmo modo as esculturas: os antigos nunca saem de moda. Também Platão – e este discursará imediatamente para todos os tempos e homens[...]. (SCHOPENHAUER 2003, p. 78).

Muitas obras desses grandes gênios citados por Schopenhauer e outros não mencionados, foram frutos de gênios que provavelmente tiveram uma profunda experiência de contemplação, intuição e também de fantasia e é provável que tenham sido chamados de loucos por terem ousado produzir suas obras que, como diz Schopenhauer, será objeto de conhecimento por todo o tempo.

Quanto à loucura, antes de Schopenhauer dizer quais as razões pelas quais resolveu relacionar loucura à genialidade, ressalto algumas considerações de alguns filósofos acerca da loucura. Segundo ele, Platão, por exemplo, diz claramente no Fedro que sem uma certa loucura poeta algum se faz. Ressalta também que todo aquele que conheceu as Idéias nas coisas efêmeras é considerado um louco. Também aquele que saiu da caverna e intuiu a verdadeira luz do sol, diz Schopenhauer, e as coisas que verdadeiramente são, isto é, as idéias, seus olhos foram desacostumados à escuridão, desconhecendo, assim as sombras lá debaixo e por conta de seus enganos, serve de objeto de escárnio daqueles que nunca se afastaram da caverna e contemplaram a verdadeira luz do sol. Se aquele que conheceu a luz contasse o que contemplara, seria chamado de louco. Nesta perspectiva, é brilhante a alusão que Schopenhauer faz da alegoria da caverna tanto para falar da loucura, quanto para se referir ao gênio que contempla as idéias. Pois para Schopenhauer, o homem que sai da caverna é como o gênio que se eleva ao estado estético de contemplação.

Para Schopenhauer, loucura é o rompimento do fio da memória é a impossibilidade de uma recordação bem conectada, de um vínculo plausível entre o passado e o presente, é a incapacidade de fazer aquilo que é lógico. O louco tem consciência de uma situação do presente, mas passou-se alguns dias ou ano aquilo que ele vivenciou não é lembrado com coerência. A esse respeito, Schopenhauer nos diz (2005, p. 262): “Eis porque é tão difícil interrogar um louco quando ele entra no manicômio sobre o decurso de sua vida pregressa. Em sua memória, o falso cada vez mais se mistura com o verdadeiro”.

O conhecimento pertencente ao louco tem em comum com o dos animais o fato de restringir-se apenas ao presente. O que os diferencia, contudo, é que o animal não possui representação propriamente dita do passado enquanto tal.

Retomando o ponto essencial dessa questão, que é a relação da genialidade com a loucura, Schopenhauer diz que esta relação consiste no fato de ambos abandonarem o conhecimento das relações estabelecidas pelo princípio de razão, ou seja, o louco não conectando corretamente o passado ao presente e o gênio perdendo-se constantemente na contemplação da Idéia. Essa é a relação principal, pois o gênio se perdendo na contemplação, está com a consciência fora do tempo e do espaço e o louco não consegue relacionar de forma correta os acontecimentos do passado e do presente.

[...] Vemos como o louco conhece corretamente o presente individual, bem como muitas coisas particulares já acontecidas, contudo desconhece a concatenação e as relações; por conseguinte, erram e falam absurdos. Ora, é exatamente este o seu ponto de contato como indivíduo genial. Pois também este perde de vista o conhecimento da concatenação das coisas ao negligenciar o conhecimento das relações conforme o princípio, para ver e procurar nas coisas apenas as suas Idéias e captar a sua essência que se expressa para a intuição[...]. (SCHOPENHAUER 2005, p. 263-264)

Portanto, tanto o gênio quanto o louco não seguem ao princípio de razão. O gênio conhece as idéias perfeitamente, mas não os indivíduos. Como diz Barbosa: “Numa palavra, gênio e louco são avessos ao uso empírico-científico do princípio de razão”. A teoria da loucura Schopenhaueriana, tal qual exposta em sua obra principal e abordada nesse capítulo, baseia-se na tese de que lacunas no fio da memória, ocasionadas por enormes sofrimentos, são preenchidas pelo louco com ficções, isto é, idéias fixas.

Quanto ao gênio, já que é a capacidade de conhecer independente do princípio de razão, é importante finalizar essa abordagem lembrando que no modo de conhecimento estético encontramos dois componentes inseparáveis. O primeiro é o conhecimento do objeto, não como coisa isolada, mas como Idéia platônica, ou seja, como forma permanente de toda uma espécie de coisas; o segundo componente é a consciência de si daquele que conhece, não como indivíduo, mas como puro sujeito do conhecimento destituído de vontade. Neste sentido, a condição sobre a qual esses dois componentes entram em cena sempre unidos é a renúncia do modo de conhecimento ligado ao princípio de razão, único útil, para o serviço tanto da vontade quanto da ciência. É importante ressaltar que desses dois componentes do modo de conhecimento estético, resulta também a satisfação despertada pela consideração do belo, e, na verdade, satisfação mais em face de um ou de outro, conforme o objeto da contemplação, estado pelo qual acessamos o em-si do mundo.

5.3 Os sentimentos do belo e do sublime como estado indispensável para o puro sujeito do conhecimento

Vale de início salientar que, tanto o belo quanto o sublime em objeto, não são essencialmente diferentes, ou seja, em cada um deles o objeto da consideração não é a coisa isolada, mas a Idéia que nele se esforça por revelação. Tanto o belo quanto o sublime são estado de conhecimento da idéia independente do princípio de razão.

Em Schopenhauer, o sentimento do sublime terá um significado diferente de seus antecessores. Para ele, o sublime faz com que o espectador se eleve sobre si mesmo, sobre seu querer e sobre qualquer querer. O espectador se encontra num estado de elevação. Neste sentido, o que diferencia o sentimento do sublime, do belo é que nos dois tipos de apreensão estética nosso conhecimento furtou-se por completo ao serviço da vontade, não somos mais indivíduos, mas puro sujeito do conhecer. Porém, na contemplação do belo o conhecer é puro, sem luta, ou seja, a beleza do objeto que facilita o conhecimento da idéia, distancia da vontade e de seu querer fenomênico. No sentimento do sublime, a elevação é violenta e há uma consciência da vontade, esta é a grande diferença com o belo. É importante salientar que o sublime continua relacionado com a vontade, porém não com o seu querer individual, particular como temor e desejo. O sujeito continua apenas consciente da realidade móvel.

Ao contrário, no sublime aquele estado do conhecer puro é toda vez conquistado por um furto-se consciente e violento das relações conhecidas como desfavorável com a vontade, mediante o livre elevar-se acompanhado de consciência sobre a vontade e do conhecimento que se relaciona a esta. Tal elevação tem de ser não apenas ganha com consciência, mas também mantida com consciência; daí ela ser continuamente acompanhada de uma lembrança da vontade, porém não a de um querer individual particular, como temor e desejo... (SCHOPENHAUER 2003, p. 105).

Para ficar mais claro, a relação do sublime com a vontade, é importante saber que sublime significa uma calma profunda, e a solidão num espaço amplo já possui algo sublime, portanto é um estado de quietude. Todo esse estado está ligado ao corpo humano, pois é o corpo que tem que estar desmascarado é neste sentido que o sublime continua consciente da vontade, até porque a vontade geral está em tudo. Porém vale também lembrar que o sublime está acima do querer desse corpo humano. O sublime acalma esse corpo. Diz Schopenhauer (2003, p. 108): “[...]o puro sujeito do conhecer mirará através daquela luta das forças da natureza, através daquela imagem tão próxima da vontade humana obstada, e aprenderá as idéias de maneira calma, imperturbável, inabalável, precisamente nos objetos que são ameaçadores e terríveis para a vontade” . É neste contraste, que reside o sentimento do sublime.

Quanto ao belo, poderíamos nos perguntar após a intuição de um objeto, porque o nomeamos belo? Segundo Schopenhauer, quando nomeamos um objeto belo, dizemos que ele é objeto de nossa consideração estética, a qual envolveu dois fatores: de um lado, na consideração do objeto, não estamos mais conscientes de nós mesmos como indivíduos, mas como puro sujeito do conhecer destituído de vontade; de outro, no objeto conhecemos não a coisa isolada, mas uma Idéia. É isso que nos faz dizer que um objeto é belo. Além disso, o belo se torna aí um estado de conhecimento da Idéia. Schopenhauer deixa bem claro que para que isso ocorra, nossa consideração estética não pode estar ligada ao princípio de razão e nem pode ter relação com algo exterior, mas repouse no objeto mesmo, considerado independente de toda e qualquer relação, arrancando seu nexos causal, concebido meramente em seu íntimo e em suas determinações essenciais, não em seu exterior. Esses dois fatores têm de se dar simultaneamente, quando consideramos algo belo.

Essa questão não é tão simples, porém faz sentido o argumento de abandono ao objeto. Schopenhauer nos presenteia uma compreensão com um brilhante exemplo em que ele nos diz o seguinte: se vemos uma árvore bela, isso significa dizer que a conheci esteticamente, ou seja, a vi com olhos artísticos. Portanto, o objeto conhecido não é mais a árvore individual e sua forma, mas a Idéia de sua espécie que se expõe para mim. Então, essa árvore e eu, durante a intuição, nos destituímos de toda a relação, deixei, portanto, a árvore se manifestar enquanto idéia. A significação pura da árvore é sua idéia; seu ser mais íntimo, que se desvela e fala para mim.

Uma coisa é bela quando facilita aquela pura consideração objetiva. Cada coisa tem sua beleza própria, tanto o ser orgânico quanto o ser inorgânico, pois todos manifestam as Idéias pelas quais a vontade se objetiva em diversos graus. É importante ressaltar que a idéia, pois, está isenta não apenas do tempo, mas também do espaço: ela não é uma figura espacial que oscila diante de mim, a qual pode aparecer em grande diversidade; porém, a partir desta, exprimi-se uma única Idéia. Portanto, a expressão, a significação pura dessa figura é sua idéia; seu ser mais íntimo, que se desvela e fala para mim, é exatamente a idéia que pode ser integralmente a mesma, apesar de grande diversidade de relações especiais da figura.

Todavia, cada coisa tem sua beleza própria, não apenas cada ser orgânico a expor-se na unidade de uma individualidade, mas também cada ser inorgânico, informe, sim, cada artefato. Pois todos manifestam as Idéias, pelas quais a vontade se objetiva nos graus mais baixos, dando por assim dizer o tom mais profundo e grave da harmonia da natureza. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 122).

Quanto aos artefatos, Schopenhauer diz que servem, em conseqüência, para a expressão das idéias, porém não é a idéia de artefato que se exprime a partir deles, mas a de material ao

qual se deu essa forma artística. Fica claro, que uma coisa é considerada bela quando ela facilita o conhecimento de si. Neste sentido, para Schopenhauer o homem, mais do que qualquer outra coisa, é belo, e a manifestação de sua essência é o fim supremo da arte. O homem pode se dar a conhecer através de suas ações e principalmente através da manifestação de seus sentimentos, seja por meio de palavras ou através de uma obra de arte. Schopenhauer (2005, p. 284) nos diz: “a figura e expressão humanas são o objeto mais significativo das artes plásticas, assim como as ações humanas o são da poesia”, (2005, p. 284). A beleza é, portanto, a exposição correspondente à vontade, somente por meio dela podemos atingir um grau elevado de objetivação da vontade.

A grande questão abordada nesses itens intitulados os sentimentos do belo e do sublime, nos mostrou que ambos são condição necessária para o acesso da coisa-em-si, portanto da vontade. É de suma importância perceber que a beleza do mundo é vista pelo viés da Idéia. O mundo é, essencialmente mau, devido a vontade de vida sedenta por manifestar-se ou materializar-se, mas ele é arquetipicamente belo, devido às Idéias que permitem a transpassagem do em-si volitivo do mundo para a efetividade fenomênica.

5.4 A música como maior expressão da essência do mundo

Na metafísica do belo Schopenhaueriana, a música ganha o maior destaque, ou seja, ela é tratada como linguagem direta do em-si. Ela não é incluída na pirâmide da hierarquia das artes, ao contrario, ela é considerada a arte mais suprema. A música não é como as outras artes que expõe Idéias, representações em diversos graus e independente do princípio de razão, mas é uma arte que fala a linguagem direta da essência do mundo, isto é, da coisa-em-si. Nas palavras de Schopenhauer:

[...] Trata-se da música. Esta se encontra por inteiro separada de todas as demais artes. Conhecemos nela não a cópia, a repetição no mundo de alguma Idéia dos seres; no entanto é uma arte tão elevada e majestosa, faz efeito tão poderosamente sobre o mais íntimo do homem, é aí tão inteira e profundamente compreendida por ele, como se fora uma linguagem universal, cuja distinção ultrapassa até mesmo a do mundo intuitivo [...]. (SCHOPENHAUER 2005, p. 336).

Já foi expresso diversas vezes que a objetivação adequada da vontade são as Idéias. Todas as outras artes, portanto, objetivam a vontade apenas por meio das idéias. A música é considerada a cópia do mundo, ela ultrapassa as idéias e é também completamente independente do mundo fenomênico. Schopenhauer diz que o nosso mundo nada é senão o fenômeno das Idéias na pluralidade. Mas a música poderia ainda existir se não houvesse mundo, pois é a própria vontade. A vontade existe independente do mundo. Dentro dessa

perspectiva Schopenhauer (2005, p. 338) nos diz: “De fato, a música é uma tão imediata objetivação e cópia de toda a vontade, como o mundo mesmo é”. A música é a cópia da vontade mesma, cuja objetividade também são as idéias. A expressão de que a música ultrapassa as idéias apreendidas nas outras artes, significa dizer que as artes falam apenas das sombras do em-si do mundo, enquanto que a música fala da essência do mundo.

Analisando a música nos seus aspectos técnicos, ou seja, a melodia, a voz que conduz do início ao fim é reconhecido o grau mais elevado de objetivação da vontade, pois ali se expressa toda vida do homem. A melodia ganha um grande acento na teoria de Schopenhauer, pois ela narra a história mais secreta da vontade. A música é linguagem do sentimento e da paixão, assim como a palavra é considerada a linguagem da razão. A melodia tem uma força que toma conta de nosso sentimento e nos arrebatava para um estado de conhecimento da verdadeira realidade de nossa vida. A voz que entoava um canto ainda é um grau baixo, mas a melodia do contrário, nos domina por completo, isto é, ela atinge o mais íntimo de nosso ser.

É importante salientar que a melodia expressa o esforço multifacetado da vontade, ou seja, expressa todos os mistérios mais profundos do querer e sentir humanos. Apesar de a música empregar a linguagem universal dos sentimentos e da paixão e falar diretamente ao coração, não podemos interpretar com isso que ela nos leve aos sentimentos da vontade individual, fonte de todo o sofrimento. Os sentimentos musicais são fruição na sua mera forma, isto é, sem a matéria. A música é bela por nos proporcionar tão elevado grau de conhecimento da vida na sua essência.

Não se pode conceber a música como aquela que expressa fenômenos, pois está definitivamente declarado por Schopenhauer que ela expressa a essência íntima, o em-si de todos os fenômenos, isto é, a vontade mesma. Além disso, podemos afirmar que na teoria Schopenhaueriana do conhecimento estético, a música exprime todas as formas de sentimentos, bem como as idéias apreendidas na efetividade.

[...] A música exprime, portanto, não esta ou aquela alegria singular e determinada, esta ou aquela aflição, ou dor, ou espanto, ou júbilo, ou regozijo, ou tranqüilidade de ânimo, mas eles mesmos, isto é, a Alegria, a Aflição, a Dor, o Espanto, o Júbilo, o Regozijo, a Tranqüilidade de Ânimo, em certa medida in abstracto, o essencial deles, sem acessórios, portanto também sem os seus motivos. (SCHOPENHAUER 2005, p. 343).

A música nos fala diretamente a linguagem dos nossos diversos sentimentos, daí advém o fato de nossa fantasia ser tão facilmente estimulada pela arte dos sons, esmerando assim por figurar em carne e osso aquele mundo espiritual invisível, vivas e ágil, a falar tão imediatamente a nós. Neste sentido, a música, vista como expressão do mundo, é considerada por Schopenhauer como uma linguagem universal no mais supremo grau. Com todos os

esforços possíveis, estímulos e exteriorizações da vontade, todas as ocorrências no interior do homem, as quais a razão atira no vasto e negativo conceito de sentimento, são exprimíveis pelo número infinito das possíveis melodias. No entanto, essas melodias, que expressam a essência do mundo, aparecem sempre na universalidade de mera forma sem matéria, sempre apenas segundo o Em-si, não segundo o fenômeno, por assim dizer a alma mais interior destes, sem corpo.

Para apreendermos tudo isso é importante um abandonar-se por inteiro a tal experiência, pois diferente de todas as outras artes é cópia da vontade e expõe a coisa-em-si. Segundo Schopenhauer, quando alguém se entrega por inteiro à impressão de uma sinfonia, por exemplo, é como se visse desfilar diante de si todos os eventos possíveis da vida e do mundo. A prova dessa abordagem é o que o próprio Schopenhauer (2005, p. 345) nos diz: “Em consequência, poder-se-ia denominar o mundo tanto música corporifica quanto vontade corporificada”. A música sendo cópia da vontade, portanto do mundo nos fornece o núcleo interior que procede todas as figuras, fornece o coração das coisas.

6 CONCLUSÃO

Em suma, este trabalho monográfico, adotando uma profunda investigação sobre as vias de acesso ao conhecimento metafísico em Schopenhauer, de modo muito especial através da experiência estética, como forma privilegiada de conhecimento da vontade, procurou mostrar que pelo princípio de razão, concebemos as coisas apenas em sua aparência.

No primeiro capítulo vimos que as coisas no espaço e no tempo se dão mediante causa e efeito. O entendimento, dentro desta perspectiva, nos faz condicionar todas as coisas exteriores a nós. Portanto, a representação que temos dos objetos são falsas e ilusórias. O segundo capítulo, por sua vez, abordou a teoria sobre a Vontade que, apontada como a coisa-em-si do mundo, encontra indivisa em toda parte. A Vontade é una, atemporal e livre. Ela é substância da natureza, os fenômenos são seu acidente. Portanto, a Vontade como princípio ou coisa-em-si é o sujeito, e o mundo inteiro é seu objeto, sua representação, seu espelho no qual ela se contempla. O ser humano é a expressão máxima da Vontade que se auto-conhece.

Além disso, apresentou uma outra via que, segundo Schopenhauer, nos possibilita acessar a essência íntima das coisas em diversos graus e a comunicar tais idéias através de uma obra de arte feita pelo gênio o qual consegue contemplar as idéias eternas na natureza, na efetividade, e comunicar em diversas obras de arte.

É ousada a Maneira como Schopenhauer expõe essa passagem do conhecimento submetido ao princípio de razão, para um conhecimento que é intuitivo e por pura contemplação. Tudo o que está ligado ao tempo e ao espaço vem a ser e não é, além do mais perecem e morrem. Esta maneira de pensar do filósofo, deixa claro que o conhecimento das idéias se dá de forma contemplativa é um conhecimento atemporal em que o sujeito pelo sentimento do belo e do sublime se perde ao objeto contemplado onde se pergunta não pelo porquê de tal objeto mais pelo seu quê. É assim que o sujeito atinge a essência íntima da vontade em diversos graus. Esta passagem mostra que o filósofo coloca a intuição acima da razão. A razão está ligada à vontade e seus fenômenos. É necessário distanciar-se da vontade e de todas as suas relações.

A forma privilegiada de conhecimento da vontade se dá como vimos no terceiro capítulo, pela obra criada pelo artista que possui a genialidade que é uma faculdade de conhecer as coisas intuitivamente. O gênio consegue tal elevado grau de conhecimento porque ele se desprende da vontade e de todo seu querer fenomênico: prazeres, luxúrias etc. É possível o conhecimento da vontade porque para Schopenhauer a vontade está em tudo, se objetiva e é toda a nossa vida em geral. Contemplando a natureza orgânica e inorgânica e toda a vida humana, perceberemos as coisas como elas são mesmas. Enxergaremos todos os males que há no mundo. Esta é a beleza da vida, isto é, quando ela nos proporciona profundo conhecimento de si. Uma coisa é bela quando ela facilita um grau elevado de conhecimento de si. Por isso, o homem é o mais belo de todos os outros seres, pois nele se alcança um elevado grau de conhecimento dos seus sentimentos, sejam positivos ou negativos.

Outra abordagem interessante na teoria de Schopenhauer é que o conhecimento se torna democrático, ou seja, qualquer pessoa pode ter o conhecimento das idéias, isto é, basta que ele esteja destituído de vontade e entre no estado de pura contemplação. Neste sentido, a pesar de todos terem a possibilidade de ter tal experiência estética, Schopenhauer afirma que para muitas pessoas é mais fácil contemplar a obra do gênio do que a efetividade, pois a obra do gênio é uma forma privilegiada de conhecimento e exige menos sacrifício e na obra está presente a idéia apreendida. O sujeito não está diante da efetividade, mas está diante da idéia que representa de forma verdadeira a vontade num determinado grau.

Quanto à música, é importante salientar que, toda a significação metafísica dada à ela é, a parte mais original e mais conhecida da filosofia da arte de Schopenhauer. Tal filosofia se caracteriza não apenas por uma superioridade da música, mas, sobretudo por uma diferença de natureza entre ela e os outros domínios artísticos, ou seja, ela não é incluída na hierarquia das outras artes. A música será um tipo de conhecimento superior ao das outras artes, porque as outras artes expressam as idéias da vontade em diversos graus, a música, do contrário, é linguagem direta da vontade, isto é, a vontade mesma. Na música não reconhecemos a reprodução, a repetição de uma idéia dos seres do mundo. É uma arte tão grande, tão elevada, age tão poderosamente sobre a vida interior dos seres humanos, é compreendida de modo tão completo e tão profundo, que se assemelha a uma língua absolutamente universal, cujo sentido ultrapassa o do mundo da intuição.

Podemos concordar com o autor, que de fato, numa relação sujeito e objeto, na medida em que tentamos conhecer com mais profundidade tal objeto, fazendo relações, atribuindo-lhe característica que poderiam condizer com ele. Essa maneira de proceder é própria do princípio de razão e com tal método ficamos no mundo fenomênico, ou seja, não ultrapassamos os

rótulos que a própria razão nos faz muitas vezes atribuir. A razão nos ajuda numa relação superficial e é necessário se perder a no objeto contemplado.

Essa investigação feita sobre o conhecimento privilegiado da vontade, não se esgota nesta monografia, pois tenho a pretensão de aprofundar esse conhecimento privilegiado pelo viés da arte, de modo específico pela música, que expressa todo o sentimento humano. O objeto de conhecimento dentro dessa perspectiva, é o próprio homem em relação a todas as suas potencialidades, na sua relação com as coisas externas a ele e na relação com ele mesmo.

REFERÊNCIAS

SCHOPENHAUER, Artur. **Metafísica do belo**. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2003.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. Trad. Dario Atiseri. São Paulo: Paulinas, 1991.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.

MAIA, Muriel. **A outra face do nada**. Petrópolis: Vozes, 1991.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Trad: apresentação, notas e índices de Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A Metafísica do amor - a morte - a arte - a moral - o homem e a sociedade**. Trad: José Souza de Oliveira. São Paulo: Edigraf.

BARBOZA, Jair. **Metafísica do belo de Arthur Schopenhauer**. São Paulo: Humanistas; FFLCH; USP, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Trad: A. F. Rocha. Rio de Janeiro: Rio, 1958.

PERNIN, Marie-José. **Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.